



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL**

**SOCIOLOGIA FUNDAMENTAL**  
**Uma proposta de material didático para o sexto ano**

**ANTONIO FELIPE DA SILVA JUNIOR**

**Campina Grande**

**2023**

**ANTONIO FELIPE DA SILVA JUNIOR**

**SOCIOLOGIA FUNDAMENTAL**

**Uma proposta de material didático para o sexto ano**

**Material didático apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Mestrado Profissional da Universidade Federal de Campina Grande, com vistas à obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação do Prof. Dr. Arilson Silva de Oliveira.**

**Campina Grande**

**2023**

S586s

Silva Junior, Antonio Felipe da.

Sociologia fundamental uma proposta de material didático para o sexto ano / Antonio Felipe da Silva Junior. – Campina Grande, 2023.

71 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Arilson Silva de Oliveira".

Referências.

1. Sociologia – Estudo e Ensino. 2. Livro Didático. 3. Sociologia Fundamental – Sexto Ano – Educação Básica. I. Oliveira, Arilson Silva de. II. Título.

CDU 316(07)(043)

Nome: SILVA JUNIOR, Antonio Felipe da

Título: **Sociologia Fundamental**: Uma proposta de livro didático para o sexto ano

Material didático apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional no Ensino de Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, com vistas à obtenção do título de Mestre no Ensino de Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. Arilson Oliveira.

Aprovada em 28/09/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Arilson Silva de Oliveira  
Universidade Federal de Campina Grande – Orientador

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Toraci Alonso de Andrade  
Fundação Joaquim Nabuco – Avaliadora Externa

Prof. Dr. Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota  
Universidade Federal de Campina Grande – Avaliador Interno

Prof. Dr. Rogério Humberto Zeferino Nascimento  
Universidade Federal de Campina Grande – Avaliador Interno



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Processo nº 23096.024251/2023-68

### **ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM SOCIOLOGIA REALIZADA EM 28 DE SETEMBRO DE 2023**

CANDIDATO: ANTONIO FELIPE DA SILVA JÚNIOR. COMISSÃO EXAMINADORA: Doutor ARILSON SILVA DE OLIVEIRA, Presidente da Comissão e Orientador; Dra. VIVIANE TORACI ALONSO DE ANDRADE (Avaliadora externa); Doutor JOSÉ MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA (Avaliador Interno) e o Doutor ROGÉRIO HUMBERTO ZEFERINO NASCIMENTO (Avaliador Interno). TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "SOCIOLOGIA FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE LIVRO DIDÁTICO PARA O SEXTO ANO". HORA DE INÍCIO: 16h – LOCAL: Sala Virtual, gerada pela plataforma Google Meet. Em sessão pública, após exposição de cerca de 30 minutos, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora. A comissão reconheceu a importância das contribuições da pesquisa realizada pelo discente e entendeu que, pela sua qualidade, o trabalho merece o conceito de APROVADO. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, WELLISON NATHAN DA SILVA RIBEIRO, secretário, e os membros da Comissão Examinadora.

Campina Grande, 28 de Setembro de 2023.

WELLISON NATHAN DA SILVA RIBEIRO  
Secretário

Dr. ARILSON SILVA DE OLIVEIRA  
Presidente da Comissão e Orientador

Dra. VIVIANE TORACI ALONSO DE ANDRADE  
Avaliadora Externa

Dr. JOSÉ MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA  
Avaliador Interno

## Dr. ROGÉRIO HUMBERTO ZEFERINO NASCIMENTO

Avaliador Interno



Documento assinado eletronicamente por **ARILSON SILVA DE OLIVEIRA, PROFESSOR**, em 04/10/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, PROFESSOR**, em 04/10/2023, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROGERIO HUMBERTO ZEFERINO NASCIMENTO, PROFESSOR**, em 06/10/2023, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3851594** e o código CRC **B694FE0A**.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a escrita de um material didático de Sociologia para o sexto ano do Ensino Fundamental Anos Finais. A Sociologia sofre instabilidades quanto à sua permanência como componente do Ensino Médio, e nessa mesma perspectiva alguns municípios brasileiros, como é o caso de Remígio, na Paraíba; Belém, no Pará; São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; Sobral no Ceará; Rio de Janeiro, no Estado homônimo, têm implantado a disciplina em seus currículos do Ensino Fundamental nos Anos Finais. Entretanto, por não possuir matriz curricular em nível nacional, diferente de outros componentes tradicionais, a Sociologia no Ensino Fundamental é um desafio para o professor, pois a escolha e o estudo dos conteúdos a serem lecionados e trabalhados em sala de aula, fica a cargo do docente, que tem que adaptá-los a partir da proposta curricular do Ensino Médio. Foi percebido por essa pesquisa que as experiências são escassas e carentes de material didático apropriado para a etapa de ensino em questão, por este motivo, entendemos ser importante a produção do material que pretendemos com essa pesquisa e produção. No referencial teórico, trabalhamos a elucidação dos conteúdos pertinentes ao material como forma de introduzir os estudantes nesse campo científico e componente curricular. Iniciamos a partir de uma análise dos materiais já produzidos sobre o tema para a etapa de ensino em questão, posteriormente passamos a investigar e fundamentar os conteúdos a serem trabalhados e em seguida, a confecção do material. Depois, foi proposta uma pesquisa com professores e graduados em sociologia para a avaliação do material produzido. A pesquisa retornou com a aceitação do material por parte do público participante, com as devidas ressalvas. Assim, pretendemos continuá-la para enriquecer e melhorar o material já produzido, bem como produzir novos materiais sobre temas diferentes, persistindo com o intuito de auxiliar o docente no componente de Sociologia no Ensino Fundamental Anos Finais.

Palavras-chave: Sociologia; Fundamental; Sexto Ano; Livro Didático; Ensino.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to write sociology teaching material for the sixth year of elementary school. Sociology is subject to instability in terms of its permanence as a component of secondary education, and in this same perspective some Brazilian municipalities, such as: Remígio, in Paraíba; Belém, in Pará; São Leopoldo, in Rio Grande do Sul; Sobral in Ceará; Rio de Janeiro, in the state of the same name, have implemented the subject in their elementary school curricula in the final years. However, because it does not have a national curriculum matrix, unlike other traditional components, sociology in elementary school is a challenge for teachers, as the choice and study of the content to be taught and worked on in the classroom is left to the teacher, who has to adapt the content based on the curriculum proposal for secondary school. This research has shown that there are few experiences and a lack of appropriate teaching material for the stage of education in question, which is why we believe it is important to produce the material we are looking for. In the theoretical framework, we worked on elucidating the content relevant to the material as a way of introducing students to this scientific field and curricular component. We began by analyzing the materials already produced on the subject, for the stage of education in question, then went on to investigate and substantiate the content to be worked on, followed by the preparation of the material. A survey of teachers and sociology graduates was proposed to evaluate the material produced. The survey returned an acceptance of the material by the participating public, with the necessary caveats. We intend to continue the research in order to enrich and improve the material already produced and to produce new materials on different themes, persisting with the aim of helping teachers in the sociology component of primary education.

**Keywords:** Sociology; Elementary; Sixth grade; Textbook; Teaching.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha esposa Daniely dos Santos Cabral, por todo o empenho e carinho, para me deixar confortável durante toda a trajetória no Profsocio, principalmente nos momentos de escrita deste material, te amo meu amor!

Ao Professor Doutor Arilson Oliveira, tanto pelas aulas durante o curso, como pelas orientações na escrita do trabalho final.

Aos professores componentes da banca avaliadora, por terem aceitado examinar meu trabalho e avaliar o desempenho realizado.

A todos os professores do Profsocio – UFCG Campina Grande, pelo zelo comigo e com meus colegas nas aulas, assim como, com os trabalhos realizados durante o curso.

À CAPES pela disponibilização e manutenção do programa de Mestrado Profissional em Sociologia.

Aos meus colegas de mestrado profissional pelo que vivenciamos nesse tempo diferente em que as aulas eram virtuais e não tivemos contato presencial.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
2. A SOCIOLOGIA FUNDAMENTAL.....	12
2.1 Livro Didático no Brasil e na Sociologia .....	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO .....	23
3.1 Iniciação aos estudos sociológicos .....	23
3.2 A Sociologia e a Base Nacional Comum Curricular .....	29
4. METODOLOGIA .....	32
5. MATERIAL DIDÁTICO DE INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA ... ..	35
5.1 Introdução à Sociologia .....	36
6. ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO .....	57
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	64
REFERÊNCIAS .....	66

## INTRODUÇÃO

A Sociologia, enquanto componente da Educação Básica Brasileira, já sofreu diversas alternâncias no decorrer de sua história, sendo retirada do currículo escolar no período da Ditadura Militar, retornando apenas na década passada, inclusive, para etapa do Ensino Médio. Entretanto, não é algo consolidado, pois os Estados possuem a liberdade de compor suas matrizes curriculares, além de não ter a obrigatoriedade de ser lecionado no âmbito da Educação Básica.

Em se tratando do Ensino Médio, com a alteração do texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no ano de 2008 (BRASIL, 2008), a Sociologia passou a ser componente curricular obrigatório, percebemos essas inconsistências nos Estados, mas, ainda assim, é presente em âmbito nacional. Com isso, para o objeto que é o princípio dessa pesquisa – a Sociologia no Ensino Fundamental, Anos Finais – só conseguimos visualizar algumas experiências e em municípios das diferentes regiões e Estados brasileiros, como é o caso dos municípios do Rio de Janeiro, São Leopoldo no Rio Grande do Sul, Belém no Pará, Sobral no Ceará e Remígio na Paraíba, esta última, sendo nosso foco da pesquisa.

A disciplina de Sociologia foi incluída no currículo da rede de ensino de Remígio, através da Lei municipal nº 1.071, de 28 de agosto de 2017, nos anos finais do Ensino Fundamental, sendo, desde então, um desafio para o professor por não possuir uma matriz curricular na qual estão incluídos os conteúdos a serem lecionados e trabalhados em sala de aula; ficando a cargo do docente a pesquisa e elaboração destes. Este problema é percebido também nas outras localidades, anteriormente citadas, onde, por vezes, os professores têm que adaptar os conteúdos propostos a partir da proposta curricular para o Ensino Médio. Logo, cada profissional trabalha de forma individual e isolada, a partir de sua própria experiência e contato com os materiais produzidos para uma etapa de ensino posterior a que leciona, o que dificulta o desenvolvimento de uma identidade curricular para o componente, implicando a luta pela permanência e defesa de ampliação da oferta, na etapa do Ensino Fundamental dos Anos Finais (SANTOS, 2014).

A maioria dos escritos em nível nacional versam sobre a Sociologia na etapa do Ensino Médio, contudo, no Ensino Fundamental-Anos Finais ainda se limita a experiências isoladas e sem incentivo por parte das instâncias administrativas de

suas respectivas localidades; principalmente quando se trata de livro didático ou material de apoio, já que todos que estão disponíveis, são preparados para o Ensino Médio.

Apenas uma edição intitulada “Sociedade em Movimento”, publicada pela editora Moderna (2014), foi encontrada por esta pesquisa até o momento. Ela tem sido a única elaborada para o Ensino Fundamental-Anos Finais. Este fato dificulta o trabalho do professor em sala de aula, pois fica sem um grande aliado na prática pedagógica, o livro didático e, portanto, tendo que adaptar os conteúdos pensados para o Ensino Médio, atendendo outra etapa que não foi pensado para ela.

Como percebido, não só em Remígio, mas nas outras localidades supracitadas, a disciplina de Sociologia foi incluída no currículo escolar, mas não foram discutidos seus conteúdos curriculares, ficando a cargo do professor entrar em sala de aula sem ter um caminho que pudesse ensinar sua prática e metodologia. Nessa perspectiva, apresentaremos uma proposta de material através de formato similar a dos livros didáticos do PNL, como base e referência dos conteúdos e uma ferramenta de auxílio para a prática docente. Sua preocupação é fundamentar os conteúdos para que o objetivo de auxiliar na formação intelectual do estudante, por meio da Sociologia, seja cumprido.

Os conteúdos estudados na Sociologia podem ser utilizados para propor reflexões, mudança de perspectiva, visualizar os diferentes de sociedade, a quebra de preconceitos, entre outras questões, que nos parecem uma necessidade para a etapa da vida pela qual passam os estudantes do 6º ano, cuja é a passagem da infância para o início da adolescência, apresentando momentos de inquietações, alterações cognitivas, corporais, sociais e de percepção da vida (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010). Portanto, permanecer com a Sociologia no Ensino Fundamental-Anos Finais pode ser de grande relevância para o objetivo de conscientizar os estudantes como agentes ativos e críticos do ambiente em que estão inseridos, com participação efetiva nas ocasiões sociais, nas causas do cotidiano e na vivência do diferente e da diversidade do meio.

Nossa pesquisa, entre outros objetivos anteriormente citados, busca lutar pela consolidação do ensino de Sociologia na etapa do Ensino Fundamental-Anos Finais, entendendo ser um relevante componente, assim como, auxiliar na crítica social e

possibilitar os estudantes a serem sujeitos participativos e engajados nas discussões do meio social.

Evidenciamos como fator importante para o aprendizado da Sociologia a etapa citada, de acordo com a experiência em sala de aula e necessidade dos estudantes terem contato com um material produzido para o nível teórico, da qual se encontram nessa etapa. Não obstante, a produção de materiais para o ensino de Sociologia, ou seja, os conteúdos que foram pensados em forma de grade curricular para o componente escolar em questão, só contemplam a etapa do Ensino Médio, ficando para o professor de Sociologia da etapa do Fundamental, a incumbência de adaptar os materiais para essa etapa.

Sendo assim, alguns apontamentos foram pertinentes e instigantes para a consolidação desse trabalho, especialmente através da pesquisa em meios eletrônicos e físicos, como livrarias, sebos, entre outros similares, a partir dos quais percebemos que são escassas as propostas de manuais ou livros didáticos para a etapa em questão e seu componente curricular.

Ao realizar as pesquisas sobre o material procurado, vimos que o ensino de Sociologia na etapa do Ensino Fundamental existe em apenas algumas situações isoladas, sendo perceptível uma comunicação escassa, por isso surgiu a questão sobre a dificuldade de se elaborar diálogos sobre essas experiências fundamentais.

E muito mais difícil se torna, quando se sabe e vive na educação do município de Remígio, a qual não possui nenhuma proposta curricular que abrange a Sociologia nessa etapa da Educação Básica, sobre nenhum aspecto, ano ou ideia. Fato que é mero eco dos documentos norteadores do currículo a nível nacional, que não citam especificamente, objetivos e habilidades para a Sociologia no Ensino Fundamental-Anos Finais.

O que torna um desafio para o docente responsável por lecionar Sociologia nessa etapa. Sendo assim, tendo que adequar os conteúdos para ela, devido ao nível de abstração e maturidade intelectual dos discentes ou pelas dificuldades estabelecidas entre a infância e a adolescência.

Diante desta dificuldade, a nossa pesquisa se debruçou sobre a proposta de um material que pudesse ser utilizado como apoio e base ao trabalho em sala de aula. Visamos, assim, e de forma geral, elaborar um manual de Sociologia adequado

para a etapa do Ensino Fundamental-Anos Finais, especificamente para o 6º ano. Para tal, buscamos em um primeiro momento, analisar os manuais ou livros didáticos já publicados e que são específicos para o 6º ano. Em seguida, tivemos que pesquisar e abordar os conteúdos a serem postos no manual, objetivando fundamentar a importância destes na formação intelectual dos estudantes durante seu tempo no 6º ano. Por fim, passamos para a escrita do material que fora composto de acordo com a experiência em sala de aula e a pesquisa realizada, visualizando ou vislumbrando um meio de publicação em âmbito nacional.

Faz-se mister, que ao se estabelecer os conteúdos a serem trabalhados com os estudantes para se cumprir com o intuito da disciplina nessa etapa de ensino, entende-se, concomitantemente, que a Sociologia intui auxiliar no fortalecimento ou aparecimento do espírito crítico social. Mas, ou se tratar de um primeiro contato com a disciplina ou ciência específica, os temas e conteúdos foram de teor estritamente introdutório e panorâmico.

Após a introdução deste trabalho, dedicamos uma parte para a apresentação de um pouco da trajetória do ensino de Sociologia no Brasil, com a inserção do mesmo em alguns municípios brasileiros, como é o caso de Remígio. Tal experiência nos serve de base. Em seguida, analisamos alguns trabalhos que foram publicados com a temática de Sociologia no Ensino Fundamental, os quais descrevem as experiências que aconteceram em municípios que buscaram implantar este componente nessa etapa de ensino. Por seguinte, apresentamos um breve histórico do livro didático no Brasil, em especial os livros de Sociologia. Já no escopo teórico passamos a entender quais conteúdos seriam pertinentes para apresentar a Sociologia aos estudantes do sexto ano. Por fim, apresentamos a metodologia utilizada para confecção desse material.

Já na segunda parte, apresentamos o material didático. Nele é trabalhado uma introdução aos estudos sociológicos, explicando o que é Sociologia, qual a dedicação de um sociólogo ou cientista social e qual a importância de se estudar a sociedade. Temas que, assim entendemos, são importantes para um primeiro contato dos estudantes com o componente científico em torno do aspecto social.

A terceira parte deste trabalho apresentamos as considerações realizadas pelos professores, os quais responderam um questionário em torno da avaliação do

material em questão. Por último, trazemos as considerações finais com as impressões e desafios do ensino de Sociologia na etapa do Ensino Fundamental-Anos Finais.

## 2. A SOCIOLOGIA FUNDAMENTAL

A Sociologia passou por várias instabilidades ao longo de sua história, especialmente como componente curricular nas escolas do território nacional brasileiro. Entre idas e vindas, foi com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, que se abriu o diálogo para reintrodução da Sociologia nos currículos escolares. Mas apenas em 2008, após uma reformulação no texto da Lei, é que passou a ser considerada como componente curricular do Ensino Médio. Mesmo sendo citada apenas para o Ensino Médio. No entanto, algumas experiências em municípios brasileiros buscaram introduzir a Sociologia no Ensino Fundamental-Anos Finais, como é o caso do município de Remígio, na Paraíba, através da Lei municipal nº 1.071, de 28 de agosto de 2017. Em outros locais do Brasil também identificamos a implantação ou tentativas da consolidação dessa disciplina nessa etapa citada, como passamos a versar.

Para fundamentar essa pesquisa foi realizado, em primeiro momento, um mapeamento das experiências do Ensino de Sociologia na etapa do Ensino Fundamental-Anos Finais. Tal pesquisa foi efetuada em *sites* de busca, por meio virtual, através da expressão: “Sociologia no Ensino Fundamental”. Dessa maneira, foram encontradas algumas localidades em que a Sociologia faz parte das disciplinas do currículo escolar dessa etapa em questão. Após esse momento, buscamos identificar através de pesquisa nos bancos de teses das universidades locais, trabalhos que abordassem o tema.

Com esse primeiro momento, destacamos alguns trabalhos escritos por docentes e pesquisadores que tiveram contato com umas destas localidades, como é o caso de Santos (2014), Kern (2015), Rossato (2015) e Picanço (2017). Destes estudos, temos: uma dissertação de mestrado e três artigos publicados em periódicos. É válido ressaltar que nestes trabalhos são citadas algumas localidades que implementaram a Sociologia no Ensino Fundamental, como o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, Escolas Municipais de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, assim como, no Belém do Pará. Contudo, tais textos demonstram que essas mínimas experiências permanecem isoladas e carentes de material de apoio contundente.



Santos (2014), por exemplo, procurou realizar um mapeamento e catalogação das experiências de ensino de sociologia, todavia, devido a fatores adversos, optou por analisar duas experiências: a do Colégio Pedro II, no Rio e as do município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A autora evidenciou que a prática do Ensino de Sociologia no Ensino Fundamental-Anos Finais é inovadora, pois poucos são os materiais produzidos sobre esse tema, uma vez que as experiências são escarças e poucos são os locais que realizaram a implantação desse componente nessa etapa de ensino.

Como ela destaca, o material utilizado nas aulas é produzido e estudado pelos próprios professores e professoras responsáveis pelas turmas que lecionam, havendo ausência de apoio material pedagógico, portanto os profissionais se apoiam na experiência acumulada e nos poucos materiais disponíveis no meio virtual. O que prende, inevitavelmente, os conteúdos ministrados nas aulas a uma base de temas transversais, contidos em outros saberes e presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Salientando, que no momento da supracitada pesquisa ainda não havia sido elaborada a Base Nacional Comum Curricular, portanto o documento norteador eram os PCNs.

Algumas dificuldades e preocupações também foram evidenciadas. Exemplo disso, a imaturidade científica dos estudantes dessa etapa, que por vezes, não conseguem distinguir se o que está sendo explicado é uma teoria ou uma opinião pessoal do(a) professor(a), o que geralmente acontece. Já que se faz necessário uma adaptação das linguagens e atividades no chão da escola. Outra dificuldade seria a elaboração dos materiais didáticos próprios, pois o mesmo não se encontra com facilidade, devido as condições fordistas de trabalho, impostas aos profissionais (SANTOS, 2014).

Na arguição realizada com os(as) professores(as) do município de São Leopoldo – RS, Santos (2014) percebeu que há um esforço em adaptar os conteúdos a partir da proposta curricular para o Ensino Médio do Estado, percebendo que não existe uma proposta de nível municipal que integralize as de todas as escolas. Assim sendo, diz ele, é como se cada profissional trabalhasse de forma individual e isolada, por meio de sua própria experiência e em contato com a

proposta para o Ensino Médio. De acordo com a autora, tudo isso dificulta o desenvolvimento de uma identidade disciplinar para o componente.

O que leva Kern (2015) a atentar para a necessidade de se estabelecer campos de diálogos entre professores que lecionam a Sociologia no Ensino Fundamental-Anos Finais, com o intuito de fortalecer as experiências existentes e ainda aumentar o número de produções sobre o tema, a fim de qualificar, mostrar a importância e, dessa forma, consolidar a atuação da disciplina nos anos finais da etapa em questão. A autora evidencia que a Sociologia pode ter um papel fundamental no acompanhamento e formação da identidade dos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, haja vista que pode provocar uma mudança no olhar frente ao mundo que enfrentam e enfrentarão, além da possibilidade que o conhecimento sociológico possui de fazer com que eles entendam esse momento de mudança social: status, comportamento, paradigmas, alienações, opressões e sociabilidade em suas vidas.

Desta forma, se torna necessário buscar um formato para a disciplina nessa etapa, com vistas a criar uma característica que possa levar a uma identidade minimamente crítica, particularmente pensando no momento de vida em que os estudantes se encontram, de mais questionamentos e buscas de afirmações societárias. Fatores que motivam a ampliação da oferta sociológica em si, além de colaborar para “ampliarmos nossos olhares sobre a prática docente em Sociologia com um todo” (KERN, 2015, s. p.).

Destaca-se ainda que:

O sucesso das práticas de Ensino de Sociologia/Ciências Sociais, depende do compromisso assumido pelo professor em sala de aula, com as especificidades dessa etapa da escolarização e como é necessário, a partir do que foi relatado, repensar o processo de formação dos futuros licenciados nas Ciências Sociais (SANTOS, 2014, p. 134).

Percebemos que a prática do ensino de Sociologia nessa etapa, tem dependido diretamente do esforço que os professores e professoras realizam em sala de aula, ficando a cargo destes a seleção aleatória dos conteúdos, objetivos e temas a serem trabalhados com os discentes, um verdadeiro retalho do “tanto faz”, do “que vier ou tiver é lucro”

E por não ser um componente obrigatório em abrangência nacional há pouco ou nenhum interesse das editoras em oferecer opções de livros didáticos para a Sociologia nessa etapa de ensino. Buscando-se, dessa maneira, em sites e mecanismos virtuais de pesquisa, as informações e material que deseja. Infelizmente, só fora encontrado uma coleção de livros didáticos, da editora moderna, intitulada “Sociedade em Movimento”, com um exemplar para cada um dos quatro anos finais do Ensino Fundamental. Detalharemos o do 6º ano, pois no momento é o que nos interessa e resta.

O livro está organizado em 9º unidades e com uma estrutura básica. Veja a seguir: abertura da unidade; capítulos; seções extras – O Estranho familiar, Visões de mundo, Direito é direito; atividades; e indicações de filmes, livros, sites, entre outros.

As unidades têm como títulos: “Os estudos das questões sociais”, “A relação entre indivíduo e sociedade”, “Linguagem e sistemas simbólicos”, “Grupos sociais e formas de interação”, “Instituições sociais”, “Trabalho e sociedade”, “Relações de poder”, “Política e sociedade” e “A escola como instituição social e política”. Todas elas apresentam dois capítulos como subtítulos de cada unidade. Por exemplo, na unidade 1, a qual trabalha as ciências sociais e seus objetos de estudo, os capítulos são: “O que as Ciências Sociais estudam?” e “Ciências Sociais e senso comum”. Aqui se percebe que os conteúdos são apresentados com várias imagens e textos dinâmicos de fácil leitura e compreensão, sempre acompanhados de glossário, o que facilita a apreensão das palavras e expressões que não são cotidianas, mas pertencem ao âmbito das Ciências Sociais e necessitam de uma explicação ou destaque.

A seção “O estranho familiar”, outrossim, apresenta um texto reflexivo e uma atividade com indagações que levam a inúmeras reflexões, podendo promover um bom debate. Já a seção “Visões de mundo”, traz textos retirados de livros de literatura infanto-juvenil com caráter lúdico, porém, com uma mensagem que auxilia na compreensão do tema trabalhado na unidade, além de levar o estudante a ter contato com a literatura. Na seção “Direito é direito”, são trabalhados trechos de leis, com citação de artigos, especialmente sobre direitos humanos e direitos fundamentais para o cidadão, tudo voltado à criança e adolescente. Esta seção

busca aproximar o estudante do regime de leis, evidenciando os direitos que possuem e fazendo-os refletir sobre suas garantias e se de fato são cumpridos.

As atividades, ao final de cada unidade, são divididas em questões de revisão e compreensão, interpretação e prática e exploração do cotidiano. O questionário é de fácil acesso e podem explorar a capacidade do estudante a não serem meros copistas, senão buscarem respostas reflexivas e inquietantes.

Nas páginas finais de cada unidade se tem uma seção dedicada à indicação de artigos para leitura na internet, além de filmes, livros e vídeos que ajudam na explanação dos conteúdos; sempre com a preocupação voltada ao público infanto-juvenil.

Compreendemos que o livro “Sociedade em Movimento”, da editora Moderna, apresenta uma estrutura acessível, em sua maioria, com textos de fácil compreensão e que podem levar a uma boa reflexão e debates em sala de aula, além atividades bem elaboradas. Sendo assim, um material interessante a nos servir de inspiração para a confecção do livro didático proposto com nossa pesquisa, buscando-se uma proposta de livro que agrade ao docente e seja de fácil acesso e compreensão aos educandos.

## 2.1 Livro didático no Brasil e na Sociologia

O livro didático é um recurso pedagógico essencial na educação brasileira, tendo uma função dupla na relação com a escola: didática e literária, mas essa ferramenta só veio se tornar uma didática mais ampla a partir do século XV, com a invenção da imprensa. Por isso o livro, mesmo sendo apresentado em outras facetas como manuais de retórica, abecedários, gramáticas, livros de leitura literária, tornou-se, a partir de então, parte do ensino nas escolas elitizadas e, posteriormente, já no século XX, vinculado diretamente com o fazer pedagógico (BRISOLLA, 2015) também público, inclusive, sendo um importante aliado, desde então, no processo de ensino aprendizagem.

Foi só no ano de 1937, observando o aumento da população e a necessidade de acesso à literatura, com uma efervescência de autores brasileiros, buscando valorizar a produção de livros propriamente brasileiros, que o governo de Getúlio

Vargas, inspirado nas decisões dos governos italianos, franceses, espanhóis e de outros países, criou o Instituto Nacional do Livro (INL). Antes desse momento já existia a produção de livros didáticos, mas ainda era escassa e voltada exclusivamente à elite ou para quem priorizava e vendia obras francesas. O INL surgiu como encarregado de estabelecer as normas e diretrizes básicas para a formação intelectual do povo brasileiro, possuindo três compromissos: orientar a produção dos conteúdos de acordo com as diretrizes da Constituição Brasileira de 1937, ampliar a divulgação das obras brasileiras e nacionalizá-las por meio da linguagem (GRECCO, 2021).

Com isso, vemos que desde a década de 1930, o Governo Federal tem investido na produção e distribuição de livros didáticos para as escolas públicas, como assim desejou Durkheim na França no início de século, visando democratizar o acesso ao conhecimento e padronizar o ensino em todo o país.

Será nesse período, no ano de 1931, que foram iniciadas as publicações de manuais didáticos de Sociologia no Brasil, por autores brasileiros, já que antes eram utilizados apenas produções estrangeiras, em sua maioria francesas, para a introdução ao pensamento sociológico nos cursos destinados. Essas produções estrangeiras foram gradualmente substituídas pelas produções brasileiras, acompanhando durante o aumento na produção literária entre os anos 1931 e 1945, tendo sido publicados duas dezenas de livros didáticos de sociologia, demonstrando um investimento na difusão do conhecimento sociológico, com vistas a alcançar os cursos de magistérios, ensino secundário regular, universidades e faculdades. Essas publicações eram desde compêndios, dicionários e periódicos, até livros introdutórios sobre o pensamento sociológico (MEUCCI, 2000).

Já a década de 1960, foi marcada, nesse contexto, por um aumento na procura por vagas na rede pública de ensino, impulsionada pela modernização das indústrias e da tecnicização do mercado educacional, o que provocou um maior número de pessoas escolarizadas e um maior contingente de mão de obra especializada, foco principal do governo desde a década de 1930. Com isso, o livro didático passa a ter maior relevância na aprendizagem profissional/técnica e nas questões relacionadas à política educacional. Nesse período, o livro didático, assim como a indústria cultural, passaram a ter uma produção em larga escala, em uma

tentativa clara, por parte do governo, de uma “democratização” tecnocrata e ampliação do ensino centrada nesse aspecto, e tudo isso após a assinatura de acordos entre o Governo Brasileiro e Norte-Americano, como a criação da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático – COLTED. Acordos que provocaram uma política de controle sobre os fins ideológicos e tecnológicos do sistema educacional no Brasil (BRISOLLA, 2015).

Nota-se, assim, que ao longo dos anos, o livro didático passou por diversas mudanças e atualizações, refletindo nas transformações políticas, sociais e culturais do Brasil. Na década de 1970, por exemplo, os livros didáticos foram influenciados pela ditadura militar, que impunha uma visão de mundo conservadora e nacionalista, além da ampliação de cursos técnicos e opressão de cursos humanísticos. No ano de 1971, por exemplo, após a descoberta de um escândalo na COLTED (Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático), que envolvia transportadoras e editoras, as quais estavam colocando outros materiais junto aos livros didáticos durante o transporte e para justificar o preço cobrado. Nessa época, foi instalada uma comissão no MEC que reformulou a política do livro e material escolar no país. (VAHL; PERES, 2017). Em outras palavras, podemos perceber que o governo investia no controle de produção como uma forma de censura, centralidade e imposição dos conteúdos a serem disponibilizados para a população. É importante ressaltar que no período da Ditadura Militar no Brasil, a sociologia foi retirada dos currículos escolares, não sendo obrigatório o ensino dela nas escolas de nível do 2º Grau (O que depois será o Ensino Médio) e nas universidades em todo o país.

Ainda no período da Ditadura Militar, no ano de 1983, foi criada com o intuito de fomentar o apoio ao estudante, a Fundação de Assistência ao Estudante, que assumiu os programas de alimentação escolar e de compra e distribuição do livro didático do 1º Grau, o que depois passaria a ser o Ensino Fundamental. Essa política de assistência tinha como principal objetivo diminuir a deficiência no aprendizado técnico, e foi destinado a alunos carentes, entendendo que a distribuição de merenda e de livro didático gratuito visava fortalecer a educação técnica, não a humanista. Assim, essa assistência estava carregada de intencionalidades como: “um nivelamento básico de conhecimentos mínimos para atender à demanda do mercado de trabalho; a intervenção direta do governo como

forma de controle e manipulação das camadas populares e o efetivo mecanismo ideológico, mercadológico e da indústria cultural” (BRISOLLA, 2015, p. 64).

Em 1985 foi publicado o decreto nº 91.542, no dia 19 de agosto, que institui o Programa Nacional do Livro Didático, considerando a necessidade de valorização dos profissionais do magistério e incluindo-os no processo de escolha do livro e da universalização, ampliação e melhoria do ensino de 1º Grau (o que hoje em dia corresponde ao Ensino Fundamental, anos iniciais e finais) e a redução dos gastos familiares com a educação. Tal decreto contém (em seu primeiro artigo) o seguinte: “Fica instituído o Programa Nacional do Livro Didático, com a finalidade de distribuir livros escolares aos estudantes matriculados nas escolas públicas de 1º Grau” (BRASIL, 1985).

Esse decreto buscava melhorar o acesso aos livros didáticos para os estudantes e distribuir de forma que todos, matriculados na fase inicial e final desse nível, tivessem acesso a eles. Entretanto, vários problemas surgiram, como os inúmeros escândalos de corrupção envolvendo a distribuição do livro, escolas recebendo livros que não foram os escolhidos, entre outros, o que demonstra que, desde sua concepção, o programa do livro didático não foi orientado e conduzido com bases éticas, progressistas ou pensando no bem-estar intelectual do país, não sendo cumprido, em princípio, nem ao menos seu principal objetivo que era a distribuição universal dos livros (BRISOLLA, 2015).

Com a criação do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) se fortaleceu ainda mais uma nova política do livro que podemos observar na década de 1990, com a tentativa de redemocratização, através da qual os livros didáticos ganharam mais liberdade e pluralidade de ideias, mas, ainda hoje, enfrentam desafios como o combate à discriminação e a promoção da diversidade cultural, além das humanidades serem secundárias em relação aos saberes que fomentam as indústrias.

Foi o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) que definiu as diretrizes da relação do governo com o livro didático e sua distribuição nas escolas, o que, de início, regulava apenas a compra e a distribuição, porém, apenas no ano de 1996, foi que o Ministério da Educação passou a se preocupar com a qualidade geral do material produzido. E essa preocupação resultou em medidas

voltadas para a avaliação dos livros adquiridos pelo programa. Em primeiro momento, os critérios foram de ordem conceitual e política, sendo estabelecido que deveriam ser isentos de preconceito, discriminação e proselitismo político e religioso. E só em 1999 foi introduzido um terceiro critério: o metodológico, sendo necessário que as obras ofereçam recursos suficientes para prover situações de ensino-aprendizagem adequadas e que envolvam procedimentos cognitivos variados (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019).

Quanto ao componente de Sociologia, é válido ressaltar que durante a Ditadura Militar, e até posteriormente a ela, ele não foi incluído no currículo escolar básico das escolas brasileiras, só veio ter um retorno como componente obrigatório no ano de 2008, sendo novamente incluído no PNLD. Portanto, por longos 60 anos, não tivemos praticamente nenhum livro didático de sociologia produzido e veiculado no Brasil. O seu retorno só veio se efetivar no ano de 2012, com 14 obras submetidas ao edital voltado para a etapa do Ensino Médio (MEUCCI, 2020).

Um fenômeno observado nesse ano de retorno, foram as publicações realizadas por mais de um autor, em contraposição à forma como eram produzidos desde os anos 1930, em que vários manuais de diferentes disciplinas eram produzidos por um mesmo autor, que fazia o trabalho de um polivalente, no sentido de escrever sobre diversos conteúdos, de diferentes disciplinas. Nesse contexto, aponta Meucci (2020, p. 09):

Esse fenômeno estava relacionado à precária divisão do trabalho intelectual na sociedade brasileira e mostrava como os livros didáticos, surgidos num período de nacionalização do sistema de ensino e de fundação das universidades, acabavam por inscrever, ainda que 'artificialmente', essa divisão. Nesse sentido, os livros tornaram-se agentes valiosos dos impasses de uma inflexão cultural importante e, por isso, enquanto testemunhos, registraram tensões nodais da modernização cultural que os tornam analiticamente fecundos.

É possível perceber, com as considerações anteriores, que desde os primeiros momentos o livro didático é o instrumento que, na maioria das ocasiões, coordena os conteúdos escolares trabalhados na sala de aula e a forma como eles são apresentados aos estudantes. Portanto, é importante a análise dos livros didáticos e que a escrita seja realizada respeitando critérios estabelecidos pelos



órgãos superiores, para que não se tornem instrumentos de controle intelectual, conforme outrora.

Atualmente, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é responsável pela distribuição de livros didáticos para todas as escolas públicas do país. O processo de seleção dos livros é feito por meio de editais públicos, nos quais as editoras apresentam suas obras para análise e avaliação. O objetivo é garantir a qualidade e a adequação dos livros às diretrizes curriculares nacionais.

No entanto, o livro didático também enfrenta críticas e desafios. Alguns especialistas apontam a falta de diversidade e a reprodução de estereótipos em muitas obras, sem contar os etnocentrismos, a falta de secularidade e o acompanhamento científico pelo mundo.

Almeida e Comin (2021), por exemplo, se preocupou em analisar um livro didático de Sociologia, percebendo que as imagens e fotografias que ilustram os conteúdos do livro, trazem os brancos em posição favorável, em relação as imagens com negros, que em sua maioria, possuem estereótipos, com evidência para a submissão e inferioridade. As autoras nomeiam esse caso de ideologia do branqueamento e afirmam que apesar de ainda conter muitas imagens com essas características, perceberam que outras trazem pouca valorização da mulher negra e homens negros, colocando-os em posição afirmativa, mas pontualmente, de maneira esporádica. Possivelmente essas alterações aconteceram com as leis aprovadas em anos anteriores, como a de obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, mas que sofrem grandes obstáculos para sua implementação.

Nos livros de sociologia, os conceitos de gênero, por exemplo, aparecem de forma tímida e em alguns casos, reforçam o tabu em tratar temas que fogem da premissa heteronormativa. Conforme estudo de Ramos (2018), embora seja visível textos que tratem da emancipação feminina e condições de igualdade de gênero, nos livros didáticos, mesmo os mais recentes publicados, ainda coexistem com vertentes que possuem visões estereotipadas e silêncios.

Ainda de acordo com a autora supracitada:

Há ainda um longo caminho em direção a diminuição das discriminações que têm origem na dimensão do gênero, a educação e em especial a Sociologia precisa ajudar os alunos(as) a compreender e a estranhar as estruturas sociais que oprimem, marginalizam, silenciam. Aprender a questionar verdades, desnaturalizar, desomogeneizar, descolonizar; refletir

sobre as desigualdades sociais para além dos discursos legitimadores do “status quo”, como o de meritocracia, ou no caso do gênero – o da diferença biológica, é fundamental para a superação de limitações sexistas, misóginas, racistas, xenofóbicas, homofóbicas. Reafirma-se a importância da Sociologia para o desenvolvimento da imaginação sociológica, através da qual os indivíduos podem tomar consciência das suas histórias, da conexão entre a sua experiência individual com as estruturas e instituições sociais. De um currículo multicultural, e de LDs que incorporem essas demandas (RAMOS, 2018, p. 111 e 112).

Obviamente, essa tarefa não pode ser somente da Sociologia, mas o componente curricular em questão possui um campo de trabalho que lhe confere esse perfil, por isso que na elaboração dos livros didáticos de Sociologia, deve-se procurar atender-se para essa demanda com muito zelo.

Por isso que, como apontado por Meucci (2021), ainda há desafios a serem enfrentados em relação à qualidade e à diversidade dos livros didáticos de Sociologia no Brasil, especialmente no que diz respeito à representatividade do pensamento social brasileiro e à incorporação de novas abordagens e perspectivas críticas e seculares.

Como percebemos, por fim, o livro didático é um recurso importante na educação brasileira, mas que ainda precisa se adequar aos tempos modernos para atender às necessidades e desafios do século XXI. É preciso garantir a qualidade e a pluralidade das obras, bem como investir em inovação para ampliar o seu potencial pedagógico e intelectual.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 A iniciação aos estudos sociológicos

O desafio de lecionar Sociologia no Ensino Fundamental- Anos Finais, começa com a pergunta de quais conteúdos seriam necessários para essa etapa de ensino. Os teóricos aqui apresentados foram utilizados por tratarem de temas introdutórios e gerais sobre a Sociologia, e fora na perspectiva de buscar uma forma de introduzir os estudantes do sexto ano aos estudos sociológicos.

As perguntas centrais das nossas buscas são as que correspondem a concepção de Sociologia e a sua necessidade, conforme apresentado por Bauma e May (2010, p. 09):

A sociologia engloba um conjunto disciplinado de práticas, mas também representa considerável corpo de conhecimento acumulado ao longo da história (...) Essa ciência configura-se, assim, uma via de constante fluxo, e os novos acrescentam ideias e estudos da vida social às estantes originais. A sociologia, nesse sentido, é um espaço de atividade contínua que compara o aprendizado com novas experiências e amplia o conhecimento, mudando, nesse processo, a forma e o conteúdo da própria disciplina.

Desta forma, quando nos perguntamos o que é Sociologia, estamos buscando situar o aprendizado nessa ciência que se altera e se amplia, além de receber as contribuições daqueles que vivenciam sua experiência, pois é uma ciência de reflexão do meio social e por ser dessa perspectiva, acompanha o fluxo de mudanças que são inerentes a este campo. Não é algo acabado e finalizado, mas que se constrói com o decurso da humanidade e suas tensões.

E por seu objeto de estudo ser o social, conforme aponta Giddens (2008):

A Sociologia é o estudo da vida social humana, grupos e sociedades. É uma tarefa fascinante e constrangedora, na medida em que o tema de estudo é o nosso próprio comportamento enquanto seres sociais. A esfera da ação do estudo sociológico é extremamente abrangente, podendo ir de análise de encontros casuais entre indivíduos que se cruzam na rua até à investigação de processos sociais globais (p. 2).

Essa perspectiva nos apresenta um campo vasto de estudo e nos ajuda tanto na justificativa da Sociologia no Ensino Fundamental- Anos Finais, como no ponto

de partida para essa disciplina no sexto ano. Afinal, a Sociologia nos auxilia no entendimento do ser social, o que é uma questão pertinente para a fase da adolescência, onde surgem diversas indagações. Nesse fundamento, Bauman e May (2010, p. 10) nos apresentam uma ideia interessante, que nos possibilita situar essa ciência e sua contribuição para o conhecimento:

Se chamar um animal de leão é correto, mas chamá-lo de tigre não, deve haver algo que leões tenham e tigres não, deve haver distinções entre eles. Só descobrindo essas diferenças podemos saber o que caracteriza um leão – o que é bem diferente de apenas saber a que objeto corresponde a palavra “leão”. É o que acontece com a tentativa de caracterizar a maneira de pensar que podemos chamar de sociológica. Satisfaz-nos o fato de a palavra “sociologia” representar certo corpo de conhecimentos e certas práticas que utilizam esse conhecimento acumulado. Entretanto, o que faz esses conteúdos e essas práticas serem exatamente “sociológicos”? O que os torna diferentes de outros corpos de conhecimento e de outras disciplinas que têm seus próprios procedimentos? Para responder a essa pergunta, poderíamos, voltando a nosso exemplo do leão, buscar distinguir a sociologia de outras disciplinas. Em muitas bibliotecas, as estantes mais próximas às de sociologia têm etiquetas como “história”, “antropologia”, “ciência política”, “direito”, “políticas públicas”, “ciências contábeis”, “psicologia”, “ciências da administração”, “economia”, “criminologia”, “filosofia”, “serviço social”, “linguística”, “literatura” e “geografia humana”. Os bibliotecários que as organizam talvez suponham que os leitores que pesquisam a seção de sociologia podem eventualmente chegar a um livro desses outros assuntos. Em outras palavras, considera-se que o tema central da sociologia deve estar mais próximo desses corpos de conhecimento que de outros. Talvez as diferenças entre os livros de sociologia e seus vizinhos imediatos sejam, então, menos pronunciadas do que as existentes entre sociologia e, digamos, química orgânica? Faz sentido essa catalogação. Os corpos de conhecimento dessas matérias têm muito em comum, sendo preocupação de todas elas o mundo feito pelos seres humanos, aquele que só existe em decorrência de nossas ações. Todos esses sistemas de pensamento, cada um à sua maneira, se referem a ações humanas e suas consequências. Se, entretanto, exploram o mesmo território, o que os distingue? O que os faz tão diferentes um do outro que justifique cada qual ter um nome?

De fato, os questionamentos apresentados pelos autores são pertinentes, afinal, o que há na Sociologia que a faz ser diferente das demais ciências? Qual a sua peculiaridade e objetivo que a possibilita ser um campo de estudo singular?

Evidente que ela apresenta traços e métodos que se debruçam sobre o social de uma maneira própria. A preocupação de Durkheim, inclusive, foi de situar e expor isso, a começar por qual o objeto de estudo é próximo e interessante ao sociólogo. Vejamos a seguir:

Mas, na realidade, há em toda sociedade um grupo determinado de fenômenos que se distinguem por caracteres definidos daqueles que outras ciências da natureza estudam. Quando desempenho minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, esta não deixa de ser objetiva, pois não fui eu que fiz, mas os recebi pela educação (DURKHEIM, 2007, p. 2).

Segue-se aqui uma delimitação do estudo sociológico, apresentando os fatos sociais como elementos que faz com que a Sociologia seja diferente, cujo objetivo central desta pesquisa para este campo científico.

O fato social é algo externo ao indivíduo, produzido por meio de força coercitiva, cujo sujeito não tem controle sobre ele, é algo que age independente da vontade individual e por isso possui força impositiva e imperativa, o que já é um conteúdo curioso o bastante para ser investigado.

Sendo assim, os sociólogos tecem seus estudos com a preocupação das consequências que as ações mútuas, as que são realizadas de forma mais ampla, de dependência e condicionamentos recíprocos, ou as que existem independente da vontade do sujeito, exercem sobre o indivíduo e os atores humanos. Isso, portanto, torna-se o objeto de estudo da Sociologia, em todos os seus âmbitos e alcances (BAUMAN; MAY, 2010).

Talvez a fase da adolescência ainda não seja intelectualmente madura para compreender a complexidade de tais fatos, porém, sua construção cognoscente pode ser permeada com esses dados e estudos para uma melhor compreensão do que acontece ao seu redor, possibilitando a capacidade de um sujeito, no mínimo curioso, sobre a realidade que o cerca. Mas, apesar do objeto de estudo da Sociologia estar delimitado e nos proporcionar sabermos por onde começar, ainda nos falta entender como começar, pois o foco envolve pessoas que estão numa fase inicial de estudos fundamentais.

Todavia, é interessante lembramos que a Sociologia surge em meio a mudanças na estrutura da sociedade, como as revoluções industrial e científica. Desse modo, espera-se que ela se apresente com um rigor incorporado no seu modo de fazer ciência, para que possamos buscar o entendimento de um mundo complexo. Isso já nos aponta um caminho, uma alternativa para dar início aos estudos.

Conforme Giddens (2008, p. 02):

A maior parte de nós vê o mundo em termos das características das nossas próprias vidas, com as quais estamos familiarizados. A Sociologia mostra que é necessário adoptar uma perspectiva mais abrangente do modo como somos e das razões pelas quais agimos. Ensina-nos que o que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro pode não o ser, e que o que tomamos como «dado» nas nossas vidas é fortemente influenciado por forças históricas e sociais. Compreender as maneiras ao mesmo sutis, complexas e profundas, pelas quais as nossas vidas individuais refletem os contextos da nossa experiência social é essencial à perspectiva sociológica.

Seria, portanto, um dos deveres da Sociologia elencar meios para que o indivíduo tenha a estranheza sobre o que vivencia ou vivenciou, até o momento de se deparar com sua face de inquietude.

Quando Mills (1982) apresenta a ideia de imaginação sociológica, coloca um véis importante como forma de distinção entre o que seria um pensamento comum e o pensamento de uma pessoa que busca investigar e questionar o meio em que vive, a sociedade em si e os atores que a completam. Para o autor, o ser humano é inquieto, dotado de faculdades que extrapolam o sentido normal das coisas. Por isso, algumas vezes, o sujeito tenta compreender o seu redor e isso lhe mostra a necessidade de uma qualidade de espírito que o auxilie a usar a informação que tem, desenvolvendo a racionalidade para que perceba de forma lúcida os acontecimentos do mundo. Com uma possível visão ampliada, estabelecendo as conexões necessários para a maior compreensão de si mesmo.

Essa perspectiva apresentada por Mills, nos ajuda a entender que o papel da Sociologia está como designa Giddens (2008, p. 02), quando afirma que:

Estudar Sociologia não pode ser simplesmente um processo rotineiro de acumulação de conhecimentos. Um sociólogo é alguém capaz de se libertar do quadro das suas circunstâncias pessoais e pensar as coisas num contexto mais abrangente. (...). A imaginação sociológica implica, acima de tudo, abstrairmo-nos das rotinas familiares da vida quotidiana, de maneira a poder olhá-las de forma diferente.

É com a imaginação sociológica, portanto, que conseguimos enxergar que as nossas ações não são meramente o momento, não são apenas o ato, mas que esse ato ou essa ação é desencadeada e desencadeia uma série de outras ações que possuem uma ligação entre si. Como no exemplo descrito pelo próprio Giddens (2008), de que uma simples xícara de café, que em primeiro momento é apenas um

ato desinteressado, entretanto, ao analisarmos do ponto de vista sociológico, nos apresenta uma série de fatores como o valor simbólico do café, sua história de produção à ligada escravização e exploração da força de trabalho, do marketing envolvido na produção e venda do café, dos acontecimentos passados envolvendo a riqueza do café e até das opções diversificadas de cardápio sobre o café que categorizam o estilo de vida e *status* social. Esta é a visão ampliada e investigativa, o espírito, que as outras esferas do conhecimento esperam que o sociólogo possua e que consiga incentivar outros a terem o mesmo.

A imaginação sociológica tem as ferramentas para provocar de diversas formas, assim como se pode identificar o fato social e estudá-lo, pois não se trata de meras perturbações ou curiosidades pessoais, já que, se assim fosse, seria um estudo vazio de sentido e cheio de interpretações individuais sem propósito. O que ela provoca é a inquietação para questões públicas e sociais, e ao utilizá-la os humanos possuem a possibilidade de enxergar que suas ações podem ter conexões com o ambiente social, que ele desconhecia, não fazia por onde notar ou não o deixavam enxergar; é como se de repente acordasse em um ambiente novo, ou que conhecia apenas de forma superficial (MILLS, 1982).

Nessa lógica, podemos perceber que a imaginação sociológica nos ajuda a enxergar aquilo que sempre esteve próximo, mas que por ocasiões diversas não havíamos conseguido ainda. Ou ainda: “aprender a pensar com a sociologia é uma forma de compreender o mundo dos homens que também abre a possibilidade de pensá-lo de diferentes maneiras” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 13).

Como dito, algumas ideias ou pensamentos que o ser humano estava conformado, como verdadeiro ou conceito firme, pronto, que não ocasionava dúvidas, que não necessitaria de uma investigação, passa a ser questionado a partir do momento que se exerce ou se conecta com o pensar sociológico. O pensamento que damos o nome de senso comum, que por vezes sustentasse discute e dá fundamento a muitos contrapontos sociológicos, diverge, obviamente, do pensar sociológico científico, entretanto, está intimamente relacionado com este, fazendo o papel de modelo comparativo. Dito isto, é mister estabelecer um limite ou uma fronteira entre os dois, tornando-se uma questão fundamental para a Sociologia e sua identidade, bem como para o fortalecimento de seu corpo de conhecimento

(BAUMAN; MAY, 2010) e a todas as provocações necessárias e possíveis em sala de aula.

Dessa forma, precisamos, ao adentrar o campo de estudo sociológico, entender as diferenças que o senso comum e o pensamento da sociologia possuem, até como forma de tomar consciência do que nos cerca, como conhecimento e prática.

Os assuntos que preocupam os sociólogos, tanto na sua teorização como na investigação, são muitas vezes semelhantes aos que preocupam muitas outras pessoas. Mas os resultados destas investigações afastam-se frequentemente das nossas crenças de senso comum (GIDDENS, 2008, p. 641).

Bauman e May (2010) nos apresentam quatro modelos em que a diferença do senso comum e do pensar sociologicamente tem sido levado em consideração. Primeiro, a Sociologia se empenha a subordinar-se a regras rigorosas do discurso responsável, ou seja, espera-se do sociólogo que busque distinguir afirmações a partir de ideias não testadas e provisórias, das que são provenientes de evidências verificáveis ou plausíveis. Segundo, a ampliação do campo de investigação, que, em sua maioria, ao nos depararmos com um problema, costumamos analisar a partir do nosso mundo pessoal de vida, sendo poucas às vezes que consideramos ir além desse mundo, por isso o sociólogo deve ter consciência de ampliar esse horizonte, proporcionando a descoberta das ligações entre o individual e os amplos processos sociais. Em terceiro lugar, o modo como cada um explica a vida humana é diferente, pois a partir do senso comum nossas ações são interpretadas com uma visão individualista, somos os autores delas, já na perspectiva sociológica precisamos dar sentido à condição humana através da análise das numerosas interdependências que a sustentam. E, por último, o senso comum, que depende da autoevidência e autoconfirmação, ou seja, tem relação com a rotina habitual do ser humano. Mas que, de forma diferente, o pensar sociológico pode e deve questionar essa rotina, focando-se em um processo de desfamiliarização, ou em torno daquilo que Durkheim chama de eliminar as pré-noções.

Desse modo, ao iniciarmos os estudos na/da Sociologia, ou introduzir os estudos sociológicos aos estudantes, precisamos ter consciência desse caráter de investigação do cotidiano, mas com um olhar perspicaz do entendimento científico



que ele se insere e facilita. É necessário provocar no estudante esse estranhamento ao mundo diário e iniciá-lo em um campo de descobertas que possam proporcionar epifanias e perspectivas diferentes.

Afinal de contas,

A Sociologia não é apenas um campo intelectual abstrato, mas algo que pode ter implicações práticas importantes na vida das pessoas. Aprender a tornar-nos sociólogos, não devia ser um esforço acadêmico aborrecido. A melhor maneira de nos assegurarmos que tal não acontece é abordar a disciplina de uma forma imaginativa e relacionar ideias e conclusões com situações de nossa própria vida. (GIDDENS, 2008, p. 18).

Para tanto, uma maneira de iniciar os estudos sociológicos e provocar esse estranhamento é fazendo o estudante se encontrar e conhecer outras culturas e outros modos de vida que não estão entre os do cotidiano, ao mesmo tempo que possam trazê-las para a sua realidade. É fazê-lo entender que o mundo é bem maior do que o seu, ou seja, é tornar-nos conscientes das diferenças, mesmo que o ser humano tenha muita coisa em comum, em todos os tempos e espaços, pois com as variações reais postas, percebe-se minimamente que existem muitas e variadas diferenças culturais e societárias (GIDDENS, 2008).

### 3.2 A Sociologia e a Base Nacional Comum Curricular

O componente curricular de Sociologia sofreu diversas baixas com a implementação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), com a dissolução dos seus conteúdos próprios e conseqüentemente enfraquecimento das especificidades deste e dos demais componentes da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como passou a ser nomeada a associação das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Essa alteração na forma como a Sociologia passou a ser tratada, causou uma preocupação acadêmica em torno da área, sobretudo com o retorno da intermitência entre a permanência ou não do componente das grades e currículos escolares (FIORELLI SILVA, 2020).

Por outro viés, nas competências da área de humanas, no tocante à base dedicada ao Ensino Fundamental- Anos Finais, podemos enxergar um bom caminho para entender a participação e importância da Sociologia nesse período.

O texto do documento diz o seguinte:

Na passagem para o Ensino Fundamental – Anos Finais, os alunos vivenciam diversas mudanças biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Eles ampliam suas descobertas em relação a si próprios e às suas relações **com grupos sociais**, tornando-se mais autônomos para cuidar de si e do mundo ao seu redor (...) Nesse contexto, faz-se necessário o desenvolvimento de habilidades voltadas para o uso concomitante de diferentes linguagens (...) Por meio delas, torna-se possível o diálogo, a comunicação e a **socialização dos indivíduos**, condição necessária tanto para a resolução de conflitos quanto para um convívio equilibrado entre **diferentes povos e culturas** (BRASIL, 2018, [s. p.] *grifo nosso*).

Essa condição e leitura dada pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nos faz analisar a possibilidade da Sociologia ainda nos anos finais do ensino fundamental, pela habilidade que a disciplina tem de discorrer sobre conteúdos pertinentes à ação do indivíduo proposta pelo documento. Palavras como: grupos sociais, socialização dos indivíduos, diferentes povos e culturas, são comuns no meio do componente. Não estamos aqui afirmando que apenas a Sociologia pode lecionar ou estudar sobre esses conteúdos, mas que são assuntos que permeiam o campo e são característicos desta ciência, seja qual for a escola de pensamento ou o viés epistemológico dado.

Quando analisamos as competências sugeridas na área das ciências humanas, encontramos alguns aspectos que são pertinentes às ciências sociais. Vejamos o texto:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos. (...)
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (...)
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Podemos interpretar aqui que tanto os problemas sociais, como a consciência crítica do social, podem ser objetos de estudo mais próximos das ciências sociais. Nos componentes de História e Geografia, mesmo trabalhando algum conteúdo para se alcançar essas competências, não são da mesma forma e com a mesma dedicação e critério que trabalharia a Sociologia, pois são conteúdos já estudados e com mais afinidade deste campo do saber. Talvez seja a experiência da imaginação sociológica que Mills (1982) elucidava, ou então o pensar sociológico de Bauman e May (2010), mas é evidente que essas características e competências que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) sugere podem, facilmente, serem assimiladas ao saber sociológico.

Ademais, podemos, *a priori*, questionar que a participação da Sociologia nos anos finais do Ensino Fundamental daria suporte junto aos demais componentes das Ciências Humanas, para conseguir os objetivos requeridos nesta etapa escolar, pois, como vimos, o pensamento sociológico faz parte da formação do indivíduo e é entendido como uma competência para o desenvolvimento cognitivo crítico do sujeito e sua relação com a sociedade.

#### 4. METODOLOGIA

Em um primeiro momento foi realizada uma análise das obras publicadas em manuais, documentos, trabalhos acadêmicos e livros que tratem sobre a Sociologia no Ensino Fundamental- Anos Finais, especialmente através de pesquisa em sites e bibliotecas virtuais, realizadas com o uso dos termos: “Sociologia no Ensino Fundamental”; “Sociologia para o Ensino Fundamental”; “Sociologia para o 6º ano do Ensino Fundamental”; “Sociologia e Ensino Fundamental” etc. Esta análise buscou justificar a pesquisa e visualizar os conteúdos e conceitos da Sociologia trabalhados nessa etapa de ensino, a fim de percebermos uma base de estudo e um ponto de partida, sendo realizada a crítica e a verificação dos conteúdos e suas adequações para a realidade a que pretendemos.

Após essa análise, passamos a fundamentar a etapa do Ensino Fundamental- Anos Finais, buscando, nesse momento, localizar o ensino de Sociologia nessa etapa de ensino, destacando a importância deste para a formação intelectual e crítica do sujeito. Utilizamos as bases encontradas através da pesquisa em sites, bibliotecas virtuais e documentos que versam sobre o tema em questão. Foi realizada uma leitura dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a etapa do Ensino Fundamental- Anos Finais, e com esta leitura foi preterido visualizar o ensino de Sociologia dentre as competências e habilidades propostas para o estudante e dessa forma, adequarmos os conteúdos, temas e conceitos a serem trabalhados no manual, com um documento normativo que aborda as aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas durante esse nível da Educação Básica.

Assim, a confecção do material didático foi realizada com base em pesquisas para fundamentar os conceitos e conteúdos trabalhados. Pretendemos realizar uma introdução aos estudos sociológicos com os temas: O que é Sociologia?, A sociologia na história, Temas de estudo da Sociologia, A Sociologia hoje.

O corpo do material segue uma estrutura mínima contendo: introdução do tema; desenvolvimento com apresentação da ideia e estudos já realizados sobre o tema em questão; e atividade avaliativa ou para melhor fixação do conteúdo exposto. Utilizamos de charges, músicas, imagens, entre outros, a fim de uma

melhor compreensão e interação do estudante com o conteúdo trabalhado no material.

Para ilustração foram utilizadas imagens extraídas da internet, e sem nos preocuparmos, em primeiro momento, sobre direitos autorais, pois nosso intuito é de que o material tenha circulação apenas interna, sem fins lucrativos, sendo, portanto, permitido conforme a lei 9.610/98 no art. 46, IV. Caso este material venha a ser publicado com outros fins, futuramente tais imagens serão devidamente legitimadas e usadas conforme a lei.

No momento seguinte, foi elaborado um questionário com treze perguntas que nortearam a avaliação do material apresentado. Essa é uma das ferramentas que o pesquisador pode utilizar como meio avaliativo e de obtenção de dados, conforme Giddens (2008). Ele foi elaborado com perguntas que levassem a respostas fechadas, no qual os participantes responderam: *Sim*, *Não* e *Parcialmente* e de respostas abertas em que os respondentes puderam dar sua opinião sobre o material didático.

O questionário foi aplicado de forma virtual e com o auxílio da plataforma Google Docs (<https://docs.google.com/forms>). Foi elaborado em formulário virtual e enviado em grupos de mensagens do aplicativo Whatsapp, no qual se encontram professoras, professores e estudantes de Sociologia. Como o material é voltado para o 6º ano, solicitamos aos profissionais que lecionam nessa série que também respondessem o questionário, avaliando o material. Com isso, tivemos dois públicos: profissionais de Sociologia ou em formação e profissionais que lecionam o sexto ano do Ensino Fundamental.

Como parâmetro para elaboração das questões, foram utilizadas as competências básicas da área de humanas para o Ensino Fundamental- Anos Finais, inseridas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por entendermos que seja o documento norteador do currículo vigente e atual.

Com as respostas coletadas, passamos a analisá-las e comentá-las com o intuito de entender as colaborações que os respondentes pretenderam ao material. A análise foi de forma qualitativa e quantitativa, sendo para a quantitativa foi utilizado o método de contagem do número de respostas para *Sim*, ou seja, que concordam totalmente com a afirmativa vinda do questionamento; o número de *Não*, dos que

discordam totalmente com a afirmação e do número de respostas com *Parcialmente*, daqueles que concordam em partes com a afirmação e/ou, indicando que o material precisa de ajustes para se adequar ao objetivo proposto.

A análise qualitativa foi realizada percebendo-se as contribuições que os respondentes fizeram com a sua análise através da leitura das respostas e sugestões apresentadas por meio desta pesquisa. A análise qualitativa é importante para o engrandecimento deste trabalho, haja vista que a opinião de profissionais que lidam diretamente com o público enfatizado, e ainda que estudaram sobre os conteúdos propostos no material, advém de pessoas que se deparam diariamente com questões pertinentes à sociologia e aos estudantes.

## **5. MATERIAL DIDÁTICO DE INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA**

Este texto foi escrito com o intuito de apresentar o pensamento sociológico e um tema de trabalho da Sociologia para estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais. Nele, vemos atividades e textos com finalidade educativa para essa etapa de ensino. Apesar da Sociologia ser contemplada muito mais no Ensino Médio no Brasil, algumas redes de Ensino Fundamental tem implantado a disciplina na etapa correspondente. Por esse motivo, escrevemos esse material para auxílio da professora ou do professor na atividade de lecionar Sociologia para essa etapa.

Espero que faça bom proveito do material e que ele o auxilie no seu cotidiano pedagógico. O material deste arquivo não deve ser publicado, apenas para uso interno em sala de aula na rede de ensino. Não deve ser utilizado com fins de obter lucro, devido as imagens utilizadas nele e proteção de direitos autorais, conforme lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998, art. 46, inciso III.

Campina Grande

2023

## 5.1 Introdução à Sociologia

### SAUDAÇÕES

Olá, caro estudante! Seja bem-vindo a este novo momento em sua vida escolar. Está preparado para essa viagem? Este é o sexto ano do Ensino Fundamental, e caso você ainda não tenha percebido, muita coisa mudou, pois você agora possui diversos professores, diversas disciplinas novas, entre elas lhe apresento a Sociologia. Nela estudaremos temas diversos do nosso cotidiano, que tem a ver com a nossa vida, com a nossa convivência social em vários ambientes. Enfim, com o todo do nosso meio.

A Sociologia tem por objeto de estudo a sociedade, as relações no meio social, portanto ela é importante para esse novo momento de sua vida. Buscaremos compreender cada um dos termos e significados que aparecerem nesse nosso percurso e material de estudo, pois serão necessários para os nossos primeiros passos com essa ciência social. Então, vamos lá? Podemos iniciar nossa caminhada? Próxima parada: conhecimento!

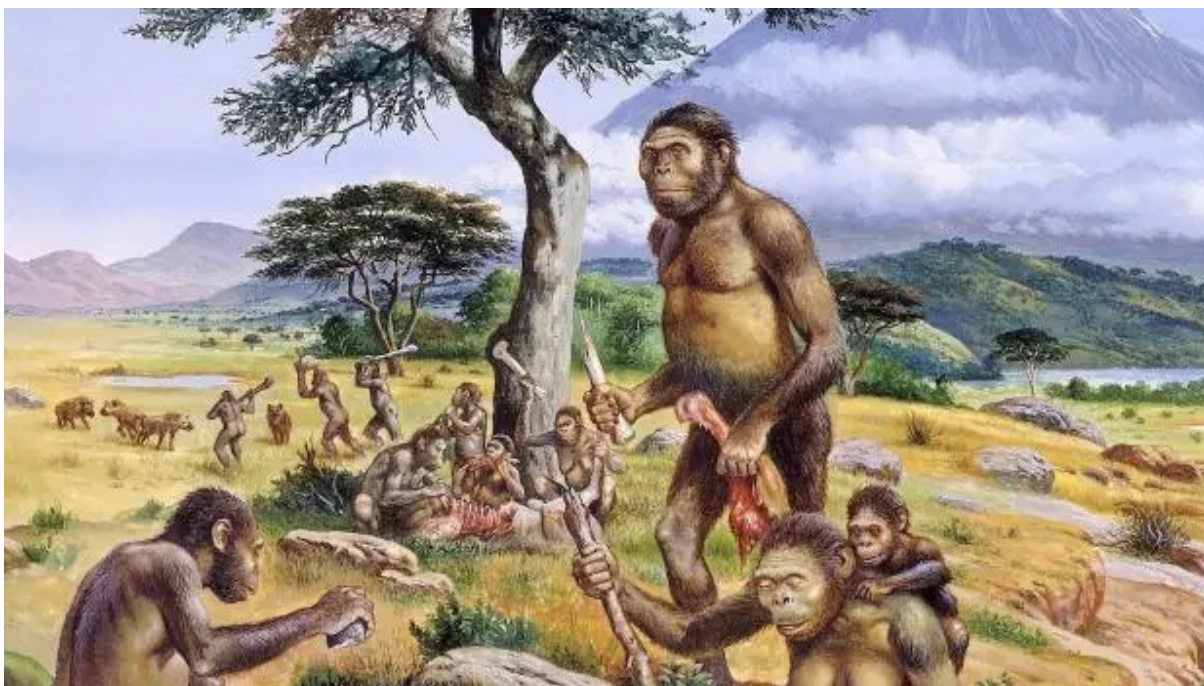
### SOBRE A SOCIOLOGIA

Ao iniciarmos os estudos sobre Sociologia, talvez várias perguntas venham em nossa mente, e certo de que pensamos: o que é Sociologia? Quando e onde surgiu? Como surgiu? Qual o motivo que levou ao surgimento da Sociologia? E para responder essas e outras perguntas que podem surgir inicialmente, iniciaremos uma viagem que começará agora, passando por diversos pontos e lugares da história e do conhecimento. Preparado para embarcar nessa aventura? Vamos lá!

Antes mesmo de definir o que é Sociologia, precisamos nos aventurar na história e entender que o objeto de estudo desta ciência existe há muito tempo, desde quando as pessoas começaram a se relacionar umas com as outras, podia até não existir o estudo, mas a convivência entre as pessoas já existia, como no exemplo dos primeiros povos. Desde a idade da pedra, muitos antes de nascermos, os humanos se organizavam em clãs ou comunidades e dividiam as tarefas de



cuidado e proteção do espaço, tido como lar e abrigo, inclusive a obtenção e produção da sua alimentação.



Australopithecus africanus se organizando em bando ou tribo<sup>1</sup>.

Vemos na imagem acima, que a interação entre os nossos ancestrais já era similar às nossas hoje em dia e necessárias, como observamos nas grandes cidades ou nos campos, seja para sobrevivência, no sentido de que unidos ficavam mais fortes para enfrentar quaisquer ameaça e conseguir alimento com mais facilidade, seja para se organizar melhor na divisão das tarefas para o cuidado do espaço e de si mesmo. Esse desejo e necessidade que os humanos possuem de se organizarem e conseguirem conviver em grupo é um dos primeiros passos para a formação das grandes sociedades que vemos nos dias de hoje. Mas espera aí um pouquinho, você sabe o que é conviver? Vamos buscar juntos essa resposta e entendimento.

Conviver, de acordo com o dicionário Michaelis<sup>2</sup> significa: ter intimidade ou viver com outra pessoa, mas também experimentar situações difíceis, aguentar e suportar, ou seja, conviver tem relação com a vida entre pessoas, a vivência do eu com o outro, igual ou diferente de mim, da mesma idade ou não, da mesma cor ou

1 Fonte: <https://veja.abril.com.br/ciencia/na-pre-historia-homens-cuidavam-do-lar-e-mulheres-iam-a-caca/>

2 Disponível de forma virtual no endereço: [www.michaelis.uol.com.br](http://www.michaelis.uol.com.br). Acesso em 10 nov. 2022.

não, do mesmo sexo ou não, assim como nós vivemos no ambiente familiar, entre amigos ou na escola, seja com os colegas da sala ou de outras turmas, seja com professores, direção ou funcionários.

Imaginemos a nossa vida em família, pois também podemos conviver com nossa mãe ou pai, irmãs e irmãos, tias e tios, primas e primos, animais domésticos, entre outros seres. Também convivemos com nossos vizinhos, colegas que moram na mesma rua ou condomínio, amigos que brincam conosco ou se relacionam nas redes sociais, enfim, todas as pessoas que têm contato conosco de alguma forma.



A convivência no ambiente escolar deve respeitar todas as diferenças<sup>3</sup>

E a Sociologia também estuda como convivemos com outros povos ou sociedades parecidas ou diferentes de nós, outras gentes, outras culturas, outras maneiras de viver e conviver, outras maneiras de se alimentar, de se casar, de se vestir, de se educar, de se espiritualizar, do que fazer com os corpos das pessoas que morrem, como encarar a dor, a fome, a miséria, porque existem ricos e pobres,

---

<sup>3</sup> Fonte: [https://unale.org.br/wp-content/uploads/\\_2017/01/aleba27-300x261.png](https://unale.org.br/wp-content/uploads/_2017/01/aleba27-300x261.png). Acesso em: 14 dez 2022.

porque pessoas possuem atividades ou trabalhos diferentes etc. Entendeu o que significa conviver? Conviver é interagir, se relacionar, ou como se fala na Sociologia: socializar ou entender como vivemos em grupo, em sociedade, seja cooperando, seja competindo.

Vamos seguir nosso destino...

Como vimos a sociedade começa a se formar há muito tempo, mas a Sociologia, ainda não era um campo de estudo ou uma disciplina escolar, antes do século XIX e como hoje se tem, pois o estudo do social, das convivências, era apenas uma vontade de conhecer e entender como os humanos viviam ou conseguiam viver juntos, seja essa convivência pacífica ou em guerra, amigável ou divergente. Ou seja, os estudiosos antes do século XIX, escreviam sobre a convivência entre as pessoas, os tipos de sociedades, suas diferenças etc., mas o estudo da sociedade ainda não era parte de uma ciência formada, elaborada, com todas as ferramentas para se ter um estudo mais aprofundado, assim como já era a Física, Química, Biologia e outras áreas da ciência.

Um exemplo desses estudiosos antigos foi Platão, lá na Grécia Antiga, que se interessava por questões da sociedade grega do seu tempo, preocupando-se com a ética, os governos e os costumes, tanto que escreve um livro sobre como seria uma cidade justa e a vida humana nessa cidade.

Platão viveu entre os anos 428 e 348 a.C., e na época estava em desenvolvimento a sociedade grega, umas das sociedades humanas antigas que conseguiu proliferar seu conhecimento por toda a Europa e, posteriormente, para outras regiões do planeta, por isso bastante utilizada como referência de estudo e conhecimento em nossos tempos atuais.

Durante um diálogo escrito por Platão, entre Sócrates e Polemarco, por exemplo, dois moradores da cidade grega de Atenas, se conversa sobre a justiça. Em determinado momento, Sócrates afirma que o homem justo é necessário para os “contratos”, entendidos aqui por tipos de associações/convivências entre pessoas.

Essas associações nos remetem a entender que a convivência de pessoas formam sociedades. Lembrem que falamos anteriormente sobre convivência? Assim, conviver pode motivar os humanos a criarem novos grupos, grupos maiores ou até cidades.



Discurso Fúnebre de Péricles - Philipp von Foltz. Os gregos eram famosos por debaterem em praça pública e fazerem grandes discursos, era dessa forma que eles organizavam a cidade e a sociedade do tempo.<sup>4</sup>

A partir daqui, vamos fazer algumas considerações. Iniciamos nosso estudo buscando entender o significado de conviver. Vimos que está relacionado ao ato de viver com outras pessoas em um ambiente (amigável ou não) e vimos que essa convivência forma associações que podem ser consideradas, por sua vez, sociedades formadas por comunidades, clãs, grupos ou cidades.

Voltemos ao início da nossa investigação. Como já havíamos comentado, a Sociologia, antigamente, não era considerada uma disciplina escolar e só passou a ser um campo de estudo da ciência, quando no século XIX, um professor e filósofo francês, Émile Durkheim, organizou as ideias da Sociologia para torná-la reconhecida como ciência e dois outros pensadores alemães, Karl Marx e Max Weber, que também elaboraram ideias que facilitaram a criação de uma ciência que estudasse a sociedade, daí por diante, esta nova ciência, a Sociologia, passou a ser

---

<sup>4</sup> Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Discurso\\_funebre\\_pericles.PNG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Discurso_funebre_pericles.PNG)

um curso em faculdades francesas e alemãs, posteriormente, se espalhando rapidamente pelo mundo como um campo ou área de conhecimento e, posteriormente, como componente curricular nas escolas.

Com tudo isso que vimos até agora, já podemos responder a pergunta: O que é Sociologia? Mas antes de responder diretamente essa pergunta, vamos ler um trecho da *Revolução dos Bichos* de George Orwell:

Tão logo apagou-se a luz do quarto, houve um grande alvoroço em todos os galpões da granja. Correram, durante o dia, o boato de que o velho Major, um porco que já se sagrara grande campeão numa exposição, tivera um sonho muito estranho na noite anterior e desejava contá-lo aos outros animais. Haviam combinado encontrar-se no celeiro, assim que Jones se retirasse. O velho Major (chamavam-no assim, muito embora ele houvesse comparecido a exposição com o nome de “Beleza de Willingdon”) gozava de tão alto conceito na granja, que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono só para ouvi-lo.

Ao fundo do grande celeiro, sobre uma espécie de estrado, estava o Major refestelado em sua cama de palha, sob um lampião que pendia de uma viga. Com doze anos de idade, já bastante corpulento, era ainda um porco de porte majestoso, com um ar sábio e benevolente, a despeito de suas presas jamais terem sido cortadas. Os outros animais chegavam e punham-se a cômodo, cada qual a seu modo. Os primeiros foram os três cachorros, Ferrabrás, Lulu e Cata-vento, depois os porcos, que se sentaram sobre a palha, em frente ao estrado. As galinhas empoleiraram-se nas janelas, as pombas voaram para os caibros do telhado, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e ali ficaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Sansão e Quitéria, chegaram juntos, andando lentamente e pousando no chão os enormes cascos peludos, com grande cuidado para não machucar qualquer animalzinho porventura oculto na palha. Quitéria era uma égua volumosa, matronal já chegada à meia-idade, cuja silhueta não mais se recompusera após o nascimento do quarto potrinho. Sansão era um bicho enorme, de quase um metro e noventa de altura, forte como dois cavalos. A mancha branca do focinho dava-lhe um certo ar de estupidez e, realmente, não tinha lá uma inteligência de primeira ordem, embora fosse grandemente respeitado pela retidão de caráter e pela tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos chegaram Maricota, a cabra branca, e Benjamim, o burro. Benjamin era o animal mais idoso da fazenda, e o mais moderado. Raras vezes falava e, normalmente, quando o fazia, era para emitir uma observação cínica – para dizer, por exemplo, que Deus lhe dera uma cauda para espantar as moscas e que, no entanto, seria mais do seu agrado não ter nem a cauda nem as moscas. Era o único dos animais que nunca ria. Quando lhe perguntavam por que, respondia não ver motivo para riso. Não obstante, sem que o admitisse abertamente, tinha certa afeição por Sansão; normalmente passavam os domingos juntos no pequeno poteiro existente atrás do pomar, pastando lado a lado em silêncio.

Mal se haviam acomodado os dois cavalos quando uma ninhada de patinhos órfãos desfilou celeiro adentro, piando baixinho e procurando um lugar onde não fossem pisoteados. Quitéria protegeu-os com a pata dianteira e os patinhos ali se aconchegaram, caindo no sono. No último instante, Mimososa, a égua branca, vaidosa e fútil, que puxava a aranha do Sr. Jones, entrou, requebrando-se graciosamente e chupando um torrão de açúcar. Tomou um lugar bem a frente e ficou meneando a sua crina branca,

na esperança de chamar atenção para as fitas vermelhas que a adornavam. Finalmente, chegou o gato, que procurou, como sempre, o lugar mais morno, enfiando-se entre Sansão e Quitéria; ressonou satisfeito durante toda a fala do Major, sem ouvir uma só palavra.

Todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia fora, num poleiro junto à porta dos fundos. Quando o Major os viu bem acomodados e aguardando atentamente, limpou a garganta e começou:

“Camaradas, já ouvistes, por certo, algo a respeito do estranho sonho que tive a noite passada. Entretanto, falarei do sonho mais tarde. Antes, as coisas a dizer. Sei, camaradas, que não estarei convosco por muito tempo e antes de morrer considero uma obrigação transmitir-vos o que tenho aprendido sobre o mundo. Já vivi bastante e muito tenho refletido na solidão da minha pocilga. Creio poder afirmar que compreendo a natureza da vida sobre esta terra, tão bem quanto qualquer outro animal. É sobre isso que desejo falar-vos.

“Então, camaradas, qual é a natureza da nossa vida? Enfrentemos a realidade: nossa vida é miserável, trabalhosa e curta. Nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e os que podem trabalhar são forçados a fazê-lo até a última parcela de suas forças; no instante em que nossa utilidade acaba, trucidam-nos com hedionda crueldade. Nenhum animal, na Inglaterra, sabe o que é felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. Nenhum animal, na Inglaterra, é livre. A vida de um animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua”.

“Será isso, apenas, a ordem natural das coisas? Será esta nossa terra tão pobre que não ofereça condições de vida decente aos seus habitantes? Não, camaradas, mil vezes não! O solo da Inglaterra é fértil, o clima é bom, ela pode oferecer alimentos em abundância a um número de animais muitíssimo maior do que o existente. Só esta nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos, umas vinte vacas, centenas de ovelhas – vivendo todos num com uma dignidade que, agora, estão além de nossa imaginação. Por que, então, permanecemos nesta miséria? Porque quase todo o produto do nosso esforço nos é roubado pelos seres humanos. Eis aí, camaradas, a resposta a todos os nossos problemas. Resume-se em uma só palavra – Homem. O homem é o nosso verdadeiro e único inimigo. Retire-se da cena o Homem, e a causa principal da fome e da sobrecarga de trabalho desaparecerá para sempre”<sup>5</sup>.



A reunião dos bichos<sup>6</sup>

5. ORWELL, 2015, p. 5.

6 <https://jc.ne10.uol.com.br/cultura/2022/03/14984664-a-revolucao-dos-bichos-de-george-orwell-vira->

No trecho que acabamos de ler vemos uma descrição de uma reunião entre os bichos de uma fazenda na Inglaterra. Eles estavam reunidos para escutar um velho porco que havia dito querer contar um sonho que tivera na noite anterior. Este texto nos serve para estudarmos algumas características que são descritas, as quais podemos relacionar ao comportamento humano em grupo, por exemplo, a maneira como os animais se organizaram em reunião.

É descrito logo nos primeiros parágrafos a forma como cada animal chega e se acomoda para escutar o velho porco, que nesse caso, podemos entendê-lo como um líder do bando. Em outro ponto do texto, ele propõe que seja realizada uma revolução na forma como os animais se sujeitam aos humanos e pede que haja entre eles união para o propósito desejado, evidenciando sua posição de líder. Cada animal é descrito com suas características e costumes, de forma que o leitor consegue imaginar a cena e perceber as diferenças entre eles e a participação que cada personagem tem no enredo escrito.

Mas o que essa história tem a ver com Sociologia? E em que ela nos ajuda a responder sobre o que é Sociologia?

O que é Sociologia?

A palavra Sociologia é formada pela junção de duas palavras originárias de línguas diferentes: *Socio* que vem do latim e significa “social” e *Logia* que é de origem grega e significa “estudo”, logo a união das duas palavras podem ser entendidas como estudo do social ou estudo da sociedade<sup>7</sup>.

Entretanto, podemos dizer que a Sociologia não se limita à tradução da palavra. A Sociologia é uma ciência que estuda as convivências ou relações pessoais dentro de um grupo social, ou seja, estuda a formação das conexões sociais, aquilo que faz com que determinadas pessoas se envolvam com outras formando grupos de interesses comuns (ou não) de convivência. A Sociologia estuda, também, a base do ser/agente social, ou seja, o ser que pertence à sociedade, que é constituída a partir da convivência/interação social entre os indivíduos.

---

cordel-na-mao-de-pernambucanos.html

<sup>7</sup>Com base em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$sociologia](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$sociologia)



As pessoas estão conectadas umas às outras a partir da interação e convivência que fazem entre si.<sup>8</sup>

Então, estudar Sociologia é o mesmo que estudar como as pessoas se relacionam em um ambiente social, comunitário ou divergente. Por isso ela nos auxilia a observar certos padrões ou tendências que são enxergados quando convivemos com outras pessoas ou grupos.

Portanto, se analisarmos o texto da Revolução dos Bichos, na página anterior, perceberemos como o autor conta certo detalhes da reunião que estava acontecendo, e que nos faz notar alguns comportamentos dos bichos reunidos, como o fato de se organizarem em grupo para escutar uma história ou formar uma assembleia para organizar uma rebelião contra os humanos. Com a história/fábula citada, o autor faz uma analogia do comportamento humano, utilizando animais como personagens. A forma como os animais se organizam, no texto, por exemplo, ilustra a forma como os humanos convivem em sociedade. Cada um com suas particularidades, mas em uma convivência que possibilita se reunirem para pensar uma ação, estudar alguma estratégia, entre outras coisas.

---

<sup>8</sup> Fonte: <https://s4.static.brasilecola.uol.com.br/img/2019/10/sociedade.jpg>





## O cientista Social

O que é um cientista social?

Antes de responder a essa pergunta vamos pensar um pouco. Qual a imagem que lhe vem à mente quando se fala a palavra Cientista? Aproveite para desenhar no quadro abaixo a imagem de um cientista ou daquilo que você imagina ser ciência. Como você imagina ser um cientista e quais objetos que ele utiliza para ser identificado como um cientista. Vamos lá?



Você acha que todo cientista é dessa forma que você desenhou? Geralmente quando pensamos em um cientista associamos a uma pessoa utilizando jalecos brancos, desses que parecem com aqueles que os médicos normalmente usam, manipulando aparelhos e instrumentos de laboratório com óculos. É mais ou menos essa imagem que está no imaginário cotidiano da maioria das pessoas. Esse talvez seja, também, um cientista, mas existem outras funções e maneiras pelas quais as pessoas exercem seus estudos para estarem na categoria de cientistas, e uma dessas é o Cientista Social.

O Cientista Social ou Sociólogo, como também pode ser chamado, é um profissional que estuda as relações/convivências sociais em uma região, comunidade ou instituição específica, analisando as características dos grupos sociais ali existentes ou mesmo da relação de um indivíduo com outro ou outros. Assim, ele visa as particularidades e condições estruturais que sustentam e identificam as diversas sociedades ou grupos sociais que existem em algum ambiente específico. Assim, podemos perceber que o sociólogo analisa o comportamento das pessoas em relação a outras pessoas e suas identidades naqueles meios sociais.

Para realizar essa tarefa, o sociólogo se utiliza de ferramentas de estudo como: a observação, o pensamento crítico e as entrevistas, pesquisando à distância ou inserido no meio e até interagindo diretamente com as pessoas. Ele também faz várias pesquisas bibliográficas, lê muitos livros sobre o comportamento do humano em grupo, assiste e escuta relatos de experiências etc. Ele precisa ter uma boa leitura da história humana, saber distinguir os valores que ele acredita da sua pesquisa, ter em mente que existem muitas culturas diferentes e que a maneira pela qual vivemos não é a única e nem a melhor etc. Enfim, várias são as ferramentas e metodologias que podem ser utilizadas para que o cientista social possa realizar sua profissão e pensar profundamente sobre os porquês de sermos pessoas sociais e que insistem viver em grupo ou sociedade.

Mas calma aí. Não sei se você percebeu até agora, mas quando falamos de Sociologia, estamos falando de conhecimento e estudo que são produzidos e compartilhados com o decorrer dos tempos e conforme os acontecimentos estudados ou vivenciados pela humanidade. E esse conhecimento pode ser de tipos

diferentes, afinal, todos os humanos podem produzir conhecimento, mas, por exemplo, o que faz com que um conceito ou ideia seja aceita no ambiente científico é um conjunto de características que o diferencia dos conceitos produzidos no contexto familiar, ou aliás, como veremos a seguir, uma ideia que é aceita em sua família, como as histórias que são contadas pelos mais velhos, que podemos acreditar que seja verdade, como o fato de não poder comer manga com leite, pois faz mal à saúde, não possuem base científica e portanto podem ser descartadas ou superadas após uma análise da ciência<sup>9</sup>.

Então vamos estudar sobre o conhecimento para que possamos entender sobre o conhecimento sociológico.

O que é o conhecimento?

O conhecimento, entre outras definições como aparece no dicionário, está relacionado ao ato ou efeito de conhecer<sup>10</sup>, e isso pode ser de forma simples, ou seja, conhecer algo, ou pelo menos conhecer o básico de algo, é fácil e rápido.

Por isso que falamos em tipos de conhecimento diferentes, pois alguns conhecimentos simples, podem ser enganosos, nos confundir, trazer uma ideia que não seja verdadeira, algo que precise de mais investigação para poder ser considerado uma ideia ou conceito mais próximo da verdade, ou, pelo menos, que seja aceito como algo verdadeiro, com bases em experimentos e métodos que dão mais valor científico e rigor da realidade.

Vamos ver agora um trecho extraído dos discursos de um chefe de uma aldeia australiana, que fora publicado no livro: “O Papalagui”, como um exemplo de conhecimento produzido após uma viagem realizada por ele e retratada em suas contações.

O Papalagui mora, como o marisco, numa casca dura; e vive no meio de pedras, tal qual a escolopendra entre fendas de lava, com pedras em volta, dos lados e por cima. A cabana em que mora parece-se com um baú de pedra em pé, com muitos compartimentos e furos.

A gente desliza para dentro e para fora da casca de pedra apenas por um lugar que o Papalagui chama entrada quando vai para dentro, e saída

---

9 <https://ge.globo.com/eu-atleta/nutricao/reportagem/2023/03/06/c-manga-com-leite-faz-mal-ou-e-mito-veja-fatos.ghtml>

10 <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/conhecimento/>

quando vem para fora, embora ambas as coisas sejam absolutamente uma só e a mesma. Neste lugar existe uma grande folha de madeira que se tem de empurrar com força para entrar na cabana. Mas isto é só para começar: tem-se de empurrar ainda outras folhas para estar, de fato, na cabana.

Quase todas as cabanas são habitadas por mais pessoas do que as que moram numa só aldeia samoana; por isto, tem-se de saber exatamente o nome da aiga<sup>11</sup> que se quer visitar. Cada aiga tem para si uma parte especial do baú de pedra, ou em cima, ou embaixo, ou no meio, à esquerda, à direita, ou mesmo na frente. E cada aiga não sabe nada da outra, nada mesmo, como se entre elas não houvesse um muro de pedra mas, sim, Manono, Apolima, Saváii<sup>12</sup> e numerosos mares.

É muito comum nem saberem o nome umas das outras; e se se encontram no buraco por onde entram e saem, cumprimentam-se de má vontade, ou resmungam qualquer coisa, tal qual insetos hostis, dando a impressão de estarem zangadas por terem de viver perto umas das outras.

Se a aiga habita no alto, embaixo do próprio teto da cabana, tem-se de subir por muitos galhos, em ziguezague ou em círculo, para chegar ao lugar em que está escrito na parede o nome da família. Vê-se, então, a imitação graciosa de uma maminha que se aperta até que ressoe um grito e apareça a família. Esta olha por um pequeno furo gradeado, redondo, para saber se não é um inimigo, caso em que enchendo sempre o ar de fumaça e cinzas, como se fosse a erupção da grande cratera de Saváii. Fumaça e cinzas que chovem nas fendas, de modo que os altos baús de pedra parecem o limo dos pântanos; as pessoas recebem nos olhos e nos cabelos terra preta, além de areia dura entre os dentes.

Apesar disso tudo, os homens andam por estas fendas da manhã à noite, muitos até contentíssimos. Nota-se que em algumas fendas há uma confusão para a qual as pessoas acorrem feito limo grosso. São as ruas onde se construíram enormes caixas de vidro nas quais se mostram todas as coisas necessárias à vida do Papalagui: tangas, enfeites para a cabeça, peles para as mãos e os pés, coisas de comer, carne, alimentos verdadeiros como frutas, legumes e muitas outras coisas. Tudo está ali exposto para atrair os homens. No entanto, ninguém pode tirar coisa alguma, mesmo em caso de precisão extrema. Para isso, tem-se de conseguir uma licença especial e fazer uma oferenda.<sup>13</sup>

Nesse trecho, vemos o chefe descrevendo um encontro que teve com os brancos europeus. Percebemos que ele visitou os locais de moradia deles e descreveu, na sua visão e de acordo com sua linguagem, como era esse local, como eram as casas dos europeus e como era a vida deles em sociedade. O texto tem frases que evidenciam certos comportamentos que Tuiávii<sup>14</sup> percebeu e evidencia na sua narração. Ele age com estranheza a certas manias que o povo europeu possui, por ocasião de sua vida e costumes serem diferentes do modo de vida dos outros.

Da mesma forma que em “O Papalagui” vemos uma narração de uma forma de sociedade, assim também acontece em estudos sociológicos, que tem a

---

11 O mesmo que família

12 Nomes de três ilhas do grupo de Samoa

13 SCHEURMANN, 2003, p. 8-9.

14 Nome do nativo, autor dos discursos descritos no livro O Papalagui

preocupação em perceber padrões de comportamentos, em perceber características de grupos humanos. Entretanto esses dois conhecimentos possuem diferenças. O relato de Tuiávii é realizado com base no que ele enxergou e vivenciou na viagem que fez a Europa. Ele não precisou de um estudo, de um método para expor sua experiência.

A esse tipo de conhecimento nós damos o nome de conhecimento empírico. E por que empírico? Porque é baseado na experiência, nos sentidos do nosso corpo, ou seja, do contato que temos com a coisa ou o fato, que pode ser vivenciado por uma ou mais pessoas, por isso que é um conhecimento que possui valor de verdade, mas se diferencia do científico por algumas características como o método e a experimentação.

Um outro tipo de conhecimento que podemos experimentar no nosso cotidiano e, com certeza, você já fez uso dele em algum momento de sua vida é o que chamamos de senso comum. Como o próprio nome diz, o senso comum é como se fosse a ideia mais aceita dentro de uma sociedade sobre determinado conteúdo, mas que não passou por experiência científica ou verificação. Por exemplo, é senso comum aceitar que o céu é azul, apesar de ele ter variações de cor, na maioria dos momentos quando olhamos para o alto, mirando o céu, enxergamos a cor azul predominante.

Você já se pegou pensando em algo que seria inquietante, como por exemplo, por que tem umas pessoas que são muito ricas e outras que são muito pobres? Não seria melhor para todos que o dinheiro fosse compartilhado? E por que não é? Como respostas de senso comum poderíamos dizer que as coisas são assim mesmo, ou que os ricos trabalharam para obter suas riquezas, enquanto os pobres não. Mas será que essa resposta é satisfatória e é uma verdade?

O conhecimento de senso comum possui um problema, pois ele pode ser causador de estereótipos e generalizações. Como no exemplo acima, podemos identificar que se o pobre não consegue riqueza é porque não trabalhou, então todo pobre seria uma pessoa relaxada, que não procura trabalho e recebe ajuda dos outros para comprar comida e sobreviver? Obvio que não, mas essa ideia pode estar no imaginário de muitos, graças aos estereótipos criados ao longo dos tempos.

Mas vamos definir melhor o que são estereótipos para ficar mais claro a nossa indagação. Estereótipos são crenças de que todos os indivíduos de uma mesma categoria possuem as mesmas características e padrões de comportamento, não havendo distinções.<sup>15</sup> Então, dessa forma, precisamos tomar cuidado para não criar e cultivar esses conceitos que generalizam e são formadores de estereótipos, já que podem levar a preconceitos e discriminação de pessoas, grupos, localidades, entre outras questões de ordem social.

O comportamento humano produz acontecimentos que por sua vez, levam a atribuição de conceitos e definições sobre eles. Vamos realizar o exercício abaixo que trata sobre as diferenças e semelhanças entre o comportamento humano.

Observe as duas imagens abaixo:



Mulheres se preparando para um evento<sup>16</sup>



Indígenas se preparando para um ritual<sup>17</sup>

1. Escreva nas linhas abaixo quais as semelhanças e diferenças que você encontra nas imagens.

---

---

---

---

---

<sup>15</sup> Baseado em JOHNSON, 1997.

<sup>16</sup> Fonte: <https://aberturasimples.com.br/wp-content/uploads/2019/05/mei-maquiadora-300x200.jpg>

<sup>17</sup> Fonte: <https://www.marilia.sp.gov.br/fotos/601d3a96d4b42b55d1fab58fd99644d2.jpg>

---

---

---

---

2. Agora responda: podemos dizer que esses acontecimentos das imagens são comportamentos humanos? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Podemos dizer que esse comportamento é diferente nas duas imagens? Por quê?

---

---

---

---

---

---



Este exercício que você acabou de fazer foi uma análise das imagens e do comportamento humano visualizado nelas. Claro que você fez apenas uma parcela do trabalho emitindo sua opinião, entretanto esse tipo de análise difere da que produz o conhecimento tido como científico, como veremos agora.

## O conhecimento científico

Anteriormente trabalhamos a imagem de um cientista pelo desenho que foi pedido que você fizesse. Com ele, vimos algumas características que figuram a pessoa que analisa e faz experimentos, pesquisas, estudos, entre outros tipos que são considerados científicos pelo meio. Desse modo podemos diferenciar essa produção das demais e visualizar que o conhecimento sociológico é realizado de forma científica.

A produção científica é baseada em fatos ou ocorrências, ou seja, ela é real, pois se localiza na realidade, com algo que de fato aconteceu e não que foi inventado ou criado. Desse modo parte do princípio da investigação e levanta as hipóteses e proposições, buscando a veracidade ou falsidade delas, através da experiência e experimentação. Para realizar essa verificação, o cientista deve se utilizar de algo organizado, que possui ordenamento lógico, de outra forma o conhecimento produzido não seria aceito por não ter um fundamento ou uma cadeia argumentativa condizente.

Por essa razão que os fatos ou ideias produzidas devem ser verificáveis, dando a possibilidade de serem experimentadas com a finalidade de aceitar ou não as hipóteses levantadas em torno da questão. Mesmo com todas essas características, que condicionam o conhecimento científico como confiável, as teorias e ideias levantadas através dele, não devem ser visualizadas como algo que não pode ser novamente verificável, ou seja, não é um conhecimento infalível, absoluto, por esse motivo que é entendido como aproximadamente exato, pois novas ideias, novas técnicas podem modificar a teoria existente sobre um fato<sup>18</sup>.

Perceberam que o conhecimento científico é aquele que mais se aproxima da realidade ou do que é verdadeiro, pelo menos o que se espera de um cientista é que

---

<sup>18</sup> Baseado em MARCONI; LAKATOS, 2017.

ele conduza sua produção de tal forma, que nos apresente algo confiável. Entretanto, por vezes, o conhecimento científico, também acabou gerando estereótipos e generalizações. Aliás, cientistas, no decorrer da história, já fizeram uso de experimentos e teorias para auxiliar em um pensamento preconceituoso de dominação e extermínio de pessoas e aldeias. Da mesma forma que teorias como dizer que uma raça é inferior a outra, ou determinado povo, como os indígenas brasileiros precisavam ser civilizados, pois não possuíam organização social, foram realizadas com base em teorias de estudiosos do tempo.

São por essas razões que precisamos ter bastante cuidado quando vemos notícias e teorias que circulam no nosso meio, principalmente no meio virtual, as que aparecem na internet quando estamos navegando em sites e lendo por meio deles. Precisamos verificar as fontes de onde extraímos informações, para que não saíamos espalhando teorias falsas ou que são produzidas com o intuito de macular o que é verdadeiro, ou pelo menos, próximo do real. Dessa forma o estudo da sociedade, dos acontecimentos no meio social, devem ser conduzidos com o cuidado e critérios pela ciência e pelo ambiente escolar, para que não se chegue a algo irreal ou inventado. Por falar nisso, vamos para o próximo assunto.

Afinal, para que serve estudar a sociedade?

Estudando a sociedade percebemos características que são comuns ou divergentes na nossa vida ou no grupo social do qual fazemos parte (ou não), e isso nos ajuda a compreender comportamentos e modos de vida que cada grupo carrega em si. O estudo da sociedade também auxilia na compreensão de nossas próprias características individuais, nossas limitações e capacidades, nossos medos e preconceitos, tabus e avanços, pois, afinal, olhando os grupos sociais, podemos nos enxergar neles e visualizar padrões que também seguimos e fazemos. Portanto, estudar a sociedade e compreender as suas particularidades nos ajuda a ter uma vivência ou convivência social mais esclarecida e a poder fazer ou construir uma crítica sobre nós mesmos.

O estudo de um cientista social ainda auxilia os órgãos responsáveis pela saúde e controle sanitário do país, em Estados e municípios, por exemplo, e a cuidar



Nesse material, estudamos sobre o surgimento da Sociologia, sua trajetória de estudo, o significado da palavra e seus objetivos científicos que facilitam o estudo das relações/convivências dos povos em sociedade. Vimos, também, sobre o conhecimento e que o conhecimento científico é aquele que possui características que o torna mais aceito e próximo ao conhecimento real, sendo este utilizado pelo estudo da Sociologia.

Espero que você tenha tido um bom proveito com os estudos até aqui e lhe aguardo para nossas próximas aventuras.

## 6. ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO

Para análise do material didático foi solicitado a professoras e professores do 6º ano do Ensino Fundamental- Anos Finais e, ainda, profissionais graduados em Sociologia ou cursando a graduação, para que pudessem avaliar o conteúdo e utilização do mesmo em sala de aula, de forma que de acordo com a experiência que estimamos neles, pudessem nos dar um retorno da possibilidade de uso e alterações necessárias para a melhor utilização desse material.

Para auxiliar nessa tarefa foi elaborado um questionário com treze questões, baseado na análise que fizemos das competências gerais pretendidas na área de humanas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Fundamental- Anos Finais.

O questionário foi enviado por meio de plataforma virtual para os profissionais e assim, puderam respondê-lo através do Google Forms, ferramenta que possibilita a criação e manutenção de questionários virtuais e análise dos mesmos, com retorno imediato das respostas.

Para essa análise, os respondentes foram nomeados por caracteres que vão do P1 ao P8. As respostas foram apresentadas e comentadas conforme a sequência proposta no questionário aplicado. Devido a ser uma área específica, tivemos um público reduzido. Ainda assim, participantes conseguiram responder e colaborar para a pesquisa, em que foi possível fazer a análise. Apesar do meio virtual, devido à distância não conseguimos que profissionais que atuam nas experiências em outros municípios que ofertam o ensino de Sociologia no Ensino Fundamental- Anos Finais, pudessem responder ao questionário. Entre outros fatores, tudo isso foi crucial para a pesquisa e sua produção, onde tivemos o retorno de oito respostas desse questionário.

Na primeira pergunta foi pedido que o respondente pudesse identificar se atuava como professor ou professora de Sociologia. Obtivemos como resultado que 50% são professores de Sociologia e outros 50% não atuam como professores do componente. Isso se deve ao fato, como já explicado, que foi solicitado a professores que lecionam no 6º ano de Ensino Fundamental.

A segunda pergunta foi sobre a formação em nível de graduação onde 75% dos que participaram são graduados em Ciências Sociais, os outros possuem graduações diversas, mas que pertencem a área de humanas e sociais aplicadas (Filosofia, Sociologia, História e Geografia). Um dos participantes não respondeu corretamente. Interessante observar, comparando com a primeira resposta, que apesar do profissional ser graduado na área de Ciências Sociais, não leciona a disciplina de Sociologia, já que não foi perguntado especificamente se atuava com o componente no Ensino Fundamental, Anos Finais.

Na terceira resposta, obtivemos o resultado que apenas um dos colaboradores não possui pós-graduação, três são mestres em Sociologia, um é especialista em áreas afins (história) e outros dois, na área de educação (psicopedagogia e Educação de Jovens e Adultos), um dos respondentes não especificou a pós-graduação, apenas que pertence a Filosofia.

Portanto como perfil dos participantes da pesquisa, temos a síntese apresentada no quadro abaixo:

Quadro 1: Perfil dos respondentes ao questionário

Identificação	Graduação	Pós-Graduação	Leciona Sociologia?
P1	Não respondeu	Filosofia	Não
P2	Ciências Sociais	Mestrado em Sociologia	Sim
P3	Ciências Sociais	Mestrado em Sociologia	Sim
P4	Ciências Sociais	Especialização em EJA	Sim
P5	Sociologia (graduando)	Não	Não
P6	Ciências Sociais	Mestrado em Sociologia	Não
P7	Ciências Sociais	Especialização	Sim
P8	História	Especialização Psicopedagogia	Não

Fonte: Própria

Saindo do perfil dos respondentes, vamos as perguntas que versam, especificamente, sobre a análise do material. Foi questionado se o material possui

linguagem acessível aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, Anos Finais. A maioria (62,5%) responderam que o material atende ao pretendido, 25% responderam que atende parcialmente e outros 12,5% responderam que acreditam que a linguagem do material não está apropriada para os estudantes do 6º ano.

O quinto questionamento foi sobre se havia concordância, que o material apresenta temas relevantes a serem trabalhados no 6º ano. Ora, 75% concordaram que os temas contidos no material são pertinentes para o ensino de Sociologia nessa etapa e outros 25% concordaram que os temas são parcialmente apropriados para a tarefa. Os temas gerais abordados no material são de iniciação à Sociologia, onde trouxemos um pouco da incumbência da mesma, o que se espera de um cientista social e o fazer ou estudar Sociologia. E o segundo tema geral é a Cultura, na oportunidade foi exposto o conceito de cultura e de diversidade. Temas que consideramos ser de início para o estudante e como podemos observar houve concordância de todos os participantes, mesmo que alguns tenham concordado apenas em partes com essa proposta.

A sexta questão foi requerido sobre a concordância de que os conteúdos do material didático apresentado estão abordados de forma coerente e acessíveis ao sexto ano. A maioria, 62,5%, respondeu que concorda parcialmente e os demais, 37,5% responderam que sim, ou seja, que concordam totalmente. Assim, compreende-se como conteúdos se aplicam ao “conjunto de conhecimentos, habilidades, formas de comportamento e hábitos de estudo relacionados aos objetivos e organizados pedagógica e didaticamente, visando sua aplicação” (LOPES, 2003, on-line). Nesse sentido podemos entender que a forma de abordagem dos conteúdos ou até os próprios conteúdos precisam ser melhorados, pois podem, na análise dos entrevistados, estar fora da realidade, atendendo apenas parcialmente ao objetivo proposto.

Na sétima indagação foi utilizado como parâmetro, a competência específica 1 (um) da área de Ciências Humanas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do Ensino Fundamental, Anos Finais. O questionamento foi o seguinte: Você concorda que a apresentação dos temas e conteúdos, no material didático, está realizada de forma a que os estudantes possam compreender a si e ao outro como

identidades diferentes, para que possam exercitar o respeito à diferença na sociedade plural e promover os direitos humanos?

Os avaliadores entenderam que sim, de forma total (87,5%) e de forma parcial (12,5%). No contexto podemos identificar que “Quando se fala em educação em direitos humanos, parte-se da premissa de que na diferença se educa para que não se viole a ética que constrói a humanidade do outro, que consolida sua dignidade e, por isso, o torna sujeito de direitos” (SANTOS, 2019). Desse modo, entendemos que o objetivo pode ser alcançado com a aplicação do conteúdo do material e a promoção dos direitos humanos, contemplados nesse questionário.

O oitavo questionamento discorreu da promoção do acolhimento e da valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, baseado na competência 4 (quatro) da Base do Ensino Fundamental, Anos Finais da área de Ciências Humanas. Os respondentes acreditam que o material pode auxiliar na tarefa, com aceitação de 75% para sim e 25% para parcialmente. Portanto, há uma valorização do material escrito e acredita-se nele, como uma ferramenta que contempla a diversidade. Trabalhar a diversidade e os grupos sociais na escola é importante para o entendimento do acolhimento e da conscientização sobre o diferente, além de auxiliar na ampliação do olhar do local para o global e possibilitar o estranhamento a condições de naturalização de expressões culturais tidas como únicas e legítimas por parte de discursos dominantes (GESSER, 2021).

O questionamento seguinte, o nono, apresenta uma indagação sobre se o material auxiliaria o estudante a construir argumentos para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltado para o bem comum e a construção de uma sociedade justa democrática e inclusiva. Esse inquérito foi elucidado em consonância com a competência específica de número 6 (seis) da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) da área de humanas no Ensino Fundamental, Anos Finais. Os professores consultados responderam que acreditam que o material possui elementos que podem ajudar nesse feito, com concordância de 37,5% parcialmente e 62,5% sim. Como já foi evidenciado anteriormente, a promoção de direitos humanos é importante no ambiente escolar e unida a



consciência socioambiental, elas podem melhorar a convivência entre os indivíduos no ambiente escolar.

Na questão décima, foi perguntado o seguinte: Você concorda que esse material didático pode auxiliar na participação do estudante, nas dinâmicas da vida social, de modo respeitoso e inclusivo? Os participantes que responderam sim foram 87,5% e Parcialmente, 12,5%. A indagação foi realizada através de uma releitura levando em consideração as competências específicas de número 3 (três) e 4 (quatro). Nesse quesito é interessante apontar, conforme estudo de Giugliani; et al. (2022, p. 77) “que a escola pode ser um lugar significativo para o exercício e o estímulo à participação social, por meio de atividades coletivas que proporcionaram vivências solidárias e de exercício da cidadania”. Portanto o material apresentado dialoga com essa possibilidade de promoção e por isso pode ser utilizado para o objetivo que se pretende.

No questionamento que se sucedeu foi indagado aos participantes se utilizariam o material didático, em questão para ministrar aulas no 6º ano do Ensino Fundamental, Anos Finais. As respostas foram um número de 75% para sim e 25% para parcialmente. Isso demonstra que o material foi bem avaliado pelos respondentes e que por sua vez, concordaram com seu uso na sala de aula e como auxílio no processo de educação.

As duas inquirições que finalizaram o questionário pediram aos respondentes comentários escritos sobre o material didático avaliado. A primeira foi sobre o motivo da utilização ou não em sala de aula, no tocante vamos destacar cada resposta e comentá-las se necessário.

O participante *P1* respondeu:

*Usaria o material devido sua relevância, a abordagem dos gêneros textos como suporte para os temas abordados e a facilidade de compreensão da proposta ou das propostas desse material.*

Percebemos que na resposta o participante se ateu aos gêneros textuais como facilitadores para a compreensão dos temas. Sobre isso comenta Andrade (2022, p. 173):

A introdução de gêneros textuais no decorrer do processo de ensino aprendizagem é preciso, já que coopera para a aprendizagem e expansão

da linguagem e da língua, colaborando com o trabalho docente, uma vez que se torna instrumento e meio de aquisição de conhecimentos. Assim, não tem como desconsiderar a importância dos gêneros textuais nas práticas educativas em sala de aula.

Nesse contexto consideramos que a diversidade de gêneros textuais contribui para o processo de ensino e aprendizagem com abordagens contextuais distintas e sendo utilizados nos diferentes componentes curriculares como auxílio e promotores do conteúdo, tema e objetivo.

A resposta de *P2* entende que:

*A estrutura do material é didática para a disciplina e nível dos educandos na série do ensino fundamental, atendendo os conteúdos.*

Entendemos que na visão do respondente o material consegue atingir o objetivo proposto, de lecionar para o 6º ano do Ensino Fundamental.

De forma semelhante o comentário escrito por *P6*, considera que os temas contidos no material são importantes para a construção da cidadania e aprimoramento do senso crítico, mais um dos objetivos do material, o que, também podemos perceber na resposta de *P4* que considera que as discussões abordadas nos textos do material, são temas pertinentes para iniciar a fase escolar em questão.

Já o participante *P5* acredita que o material está bem elaborado, entretanto, considera complexo para estudantes do 6º ano. Não fica claro na resposta se está sendo relativo à linguagem utilizada, a sua forma de escrita, se foram os conteúdos abordados ou ainda, a forma como foram abordados. Esse entendimento nos leva a fazer, no futuro, uma releitura considerando melhorar a abordagem dos temas para facilidade no entendimento.

A resposta de *P7* diverge de *P5* ao afirmar que utilizaria o material em sala de aula, pois está bem elaborado e acessível para os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

O participante *P3* afirma que utilizaria o material se acaso lecionasse no 6º ano, porém não exerce no momento. E o participante *P8* considera que todo material deve ser valorizado, pois são elaborados por profissionais.

No questionamento final foi solicitado que os respondentes escrevessem considerações livres e gerais sobre o material analisado.

As respostas de P4 e P6, respectivamente, sugerem melhorias no material como vemos:

*Gostei muito do material, os temas apresentados possibilitam enriquecer esta fase escolar, tanto nas relações sociais falando de diversidade e cultura, e também o repertório argumentativo de cada estudante. Sobre o ponto os "conceitos inclusos", vejo a necessidade de box explicativos, o que é ciência. Talvez box com um pouco da biografia ou localização quem são os filósofos e sociólogos. Outra coisa para o futuro é pensar em colorir mais (P4).*

*Incluir mais tabelas, gráficos e imagens, recursos que auxiliam no aprendizado de estudantes que integram esse ano escolar. Destacar melhor a divisão dos capítulos e temas (P6).*

Nas respostas de P1 e P2 vemos uma consideração quanto as especificidades da Sociologia:

*Esse material didático ajudará a compreender melhor a sociologia com seus aspectos e fundamentos. Nele há diversos textos, atividades e outros meios de desenvolver e facilitar a aprendizagem da sociologia para os alunos (P1).*

*O material vai ao encontro das especificidades da Sociologia, tanto em relação aos conceitos, como em consonância com seus pensadores, além de propor atividades que aguça os estudantes para a investigação científica e para o exercício da imaginação sociológica (P2).*

Interessante observar que na resposta de P2 há a presença dos termos imaginação sociológica e investigação científica, dois aspectos aos quais na elaboração do material se propomos a contemplar, em foco o que fora trabalhado por Mills (1982), conforme já elucidado em outros momentos nesse texto.

O comentário de P7 indica que o material segue os princípios dos documentos norteadores oficiais da educação brasileira. Para P5 e P8 o material está bem elaborado e pode ser utilizado na sala de aula como contribuição ao ensino e aprendizagem, além de possibilitar adequações no decorrer do percurso, no meio que se insere.

O participante P3 comenta o seguinte:

*Considero um material necessário, já que é difícil encontrar material didático de sociologia para alunos do 6º ano do fundamental.*

Nessa resposta, aparecem elementos interessantes. Conforme foi evidenciado na escrita desse texto as experiências de Sociologia no Ensino Fundamental são escassas e, portanto, materiais específicos para esse componente, nessa etapa, são de pouco ou nenhuma circulação, por isso que desde o princípio, nos atemos a realizar um material que pudesse contemplar esse público.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociologia no Ensino Fundamental, Anos Finais, pode ser uma ferramenta bastante interessante para aguçar o senso crítico do estudante, pois, já nessa fase de vida, em que está na porta de entrada da adolescência, os questionamentos e preconceitos surgem de todos os lados, ao mesmo tempo, e do mesmo ambiente social no qual vivemos. É uma fase nova de vida e uma fase nova no formato de escola (professores diferentes em cada componente, mudanças de horários, entre outros) que os leva a terem contato com uma realidade até então pouco ou não vivenciada. A escola é um processo de socialização necessário para a melhor vivência do ser humano, permeada de novos aprendizados e contatos com outras experiências, permitindo aos estudantes carregarem consigo ou preconceitos acelerados ou questionamentos que possam identificá-los e evitá-los. Portanto, compreendemos a Sociologia nessa etapa como fundamental para a iniciação à experiência científica e ao pensamento social. Com isso, a apresentação dessa proposta de material pedagógico possui este ousado viés, com a conotação de auxiliar o professor ou professora no dia a dia da sala de aula.

Com essa pesquisa vimos algumas localidades que implantaram o ensino de Sociologia nos anos finais do Ensino Fundamental, entretanto, ficaram sempre na dúvida a permanência deste componente nessa etapa, mas foram essas poucas experiências que nos incentivaram a pesquisar e propor esse material apresentado.

Optamos por apresentar um material de iniciação à Sociologia por entender que os estudantes necessitavam de uma introdução ao ambiente de estudo sociológico. Afinal, as perguntas sobre o que é Sociologia e para que serve, eram presentes na sala de aula quando iniciadas as discussões do componente. Por isso compomos um material pedagógico com esse conteúdo, com o intuito de sanar essa curiosidade e permitir um contato inicial com essa nova ciência, que, geralmente, muitos deles ainda não tinham ouvido falar.

De acordo com as análises proferidas pelo público participante da pesquisa efetuada, percebemos que os objetivos propostos com a elaboração deste material podem ser alcançados, mesmo havendo a possibilidade de adequações e melhorias, mas cumpre a tarefa à qual lhe foi imaginada.

Provocações como a imaginação sociológica (MILLS, 1982) e o pensamento sociológico (BAUMAN; MAY, 2010), estão contemplados no material, o que enriquece e consolida os objetivos a que nos propomos em primeiro momento.

A experiência de escrever um material didático é enriquecedora para a tarefa do processo de ensino e aprendizagem, pudemos presenciar melhorias na metodologia de sala de aula, além de ser um instrumento de organização curricular e a visualização dos conteúdos a serem trabalhados. Nos permitimos dizer que esse material didático contribui para a vivência do educador junto aos educandos, para a experimentação de novas descobertas e para o debate necessário ao processo de escuta e fala quando se visualiza uma educação problematizadora (FREIRE, 1987).

No mais, pretendemos seguir com a pesquisa e com o intuito de enriquecer o material, inclusive com a produção sobre novos temas e conteúdos, para assim, auxiliar nessa experiência nova da Sociologia no Ensino Fundamental dos anos finais. Mesmo sabendo que a sociologia, no Brasil, será sempre uma forma de luta pela permanência de suas aulas nos locais em que já foi implantada. Não custa sonhar com uma realidade em que o componente de Sociologia seja introduzido em todas as escolas da etapa do Ensino Fundamental dos anos finais e em todo o país.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliane Borges Correia de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. Programa nacional de livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 27, n. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., 2019 27(103), p. 250–270, abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/SdxBGsvHHtjMzJJ3cHHcY9c/?lang=pt#>. Acesso em 10 dez. 2022

ANDRADE, Thaís Oliveira. A importância do ensino com gêneros textuais como meio de aprendizagem. **Cadernos da Pedagogia**. v. 16, n. 35, p. 163-174, mai. - ago. 2022. Disponível em: <<https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1385/757>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Traduzido por Alexandre Werneck. [s. l.]: Zahar, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 91.542, de 19 de Agosto de 1985**. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências. Brasília, DF, 1985. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91542-19-agosto-1985-441959-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. PARECER CNE/CEB Nº: 11/2010. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2010.

BRASIL. **Lei 11684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, DF, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm). Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF, 1998.

BRISOLLA, Livia Santos. **Educação, Indústria Cultural e Livro Didático**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015. p. 230.

COHN, Gabriel (org.). **Weber. A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais**. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, nº 13. São Paulo: Ática, 1999, pp. 79-127.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1997, pp. 49-115 (“Introdução”, Cap. 1: “História das Ideias”, Cap. II: “Do Sistema à Estrutura: o puro e o impuro”).

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Traduzido por Paulo Neves; Eduardo Brandão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, Eudson de Castro. **Introdução à Sociologia**. 3ª ed. Brasília, DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 2014.

FIORELLI SILVA, Ileizi Luciana. O ensino de Sociologia e a BNCC. In: Brunetta, Antonio Alberto (org.) et al. **Dicionário do Ensino de Sociologia**. Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2020. pp. 51-56.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ª reimpressão. LTC. Rio de Janeiro. 2008. p. 323.

GESSER, Andressa Regiane. Projetos de letramento e suas contribuições para a ampliação dos conhecimentos locais e globais sobre a diversidade cultural brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 261, p. 503–520, maio 2021.

GIDDENS, Anthony. **Classe, Estratificação e Desigualdade**. In: *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010, pp. 234-253.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 743.

GIUGLIANI, Camila. et al.. A escola como espaço de participação social e promoção da cidadania: a experiência de construção da participação em um ambiente escolar. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe1, p. 64–78, 2022.

GRECCO, Gabriela de Lima. Escrever a tradição, modernizar a ação: literatura e identidade nacional durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945). **Revista Brasileira de História**, v. 41, n. Rev. Bras. Hist., 2021 41(88), p. 255–278, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6h3pwVRpYwzcf9MD5M8s5HC/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out 2022.



KERN, Eduarda Bonora. Possibilidades curriculares da Sociologia no Ensino Fundamental: reflexões sobre a prática docente. In: Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica, 2015, São Cristóvão, RJ. **Anais [...]**. São Cristóvão, RJ: Colégio Pedro II, 2015. Disponível em: [https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/383/321](https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/ciencias_sociais/article/view/383/321). Acesso em: 20 dez. 2021.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia Hoje**: ensino médio, volume único. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2000. p. 122.

MEUCCI, Simone. Os livros didáticos da perspectiva da sociologia do conhecimento: uma proposição teórico-metodológica. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 20. ed. 98. 2020. p. 18. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbhe/a/CV7vnC7Hvkh\\_QjBRj4YsK9Dc](https://www.scielo.br/j/rbhe/a/CV7vnC7Hvkh_QjBRj4YsK9Dc). Acesso em: 10 dez. 2022

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais Unisinos**. v. 51, n. 3, Unisinos, São Leopoldo, set/dez. 2015. p. 251-260

MEUCCI, Simone; BEZERRA, Rafael Ginane. Sociologia e educação básica: hipóteses sobre a dinâmica de produção de currículo. **Revista de Ciências Sociais**, v.45, n. 1, Fortaleza, 2014. p. 87-101.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Traduzido por: Waltersin Dutra. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 122.

MODERNA. **Sociedade em Movimento**. São Paulo: Moderna, 2014.

MORGADO, Ana Cristina. As múltiplas concepções da cultura. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, mar. [s. l.] 2014.

ONIESKO, Paola Clarinda de Freitas; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Representações de negros/as no Livro Didático de História. **Journal of African and Afro-Brazilian Studies**, v. 1, n. 1, 2022.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. Traduzido por: Cornélio Procópio, UENP, 2015.

PAIS, José Machado. **Durkheim: das Regras do Método aos métodos desregrados**. In: *Análise Social*, v. XXX, 1995, pp. 239-263.

PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**, 2018. Disponível: <https://sites.google.com/see.pb.gov.br/probnccpb/proposta-curricular-ei-e-ef>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PICANÇO, Miguel Nazaré Brito. O ensino de sociologia na rede municipal de educação de Belém: uma experiência em construção. **Interações Sociais**, São Leopoldo – RS, v. 1, n. 2, set.-dez. 2017, p. 05 – 17.

RAMOS, Rokely Scheifiter de. **Abordagens de gênero em livros didáticos de sociologia para o ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual do Centro Oeste. Guarapuava, PR, 2018. p. 135.

REMÍGIO. **Lei 1.071 de 28 de agosto de 2017**. Dispõe sobre a inclusão do estudo da sociologia nos anos finais do ensino fundamental do currículo escolar e dá outras providências. Remígio, PB, 2017. Disponível em: <https://www.remigio.pb.gov.br/storage/content/publicacoes/diario-oficial/1573/arquivos/pub07112018100228.pdf>. Acesso em: 20 dez 2021.

ROSSATO; Janine. A Sociologia no Ensino Fundamental em São Leopoldo/RS: a implantação e as percepções dos alunos sobre a disciplina. In: Seminário de Ciências Sociais e Educação Básica, 2015, São Cristovão, RJ. **Anais** [...]. São Cristovão, RJ: Colégio Pedro II, 2015. Disponível em: [https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/383/323](https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/ciencias_sociais/article/view/383/323). Acesso em: 20 dez. 2021.

SANTOS, Émina Marcia Nery. A educação como direito social e a escola como espaço protetivo de direitos: uma análise à luz da legislação educacional brasileira. **Educação e Pesquisa**, v. 45, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/8pQkJ9rFx8cLKswHFWPVTG/>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SANTOS, Jaqueline Fabeni. **Experiências de ensino de sociologia/ciências sociais no ensino fundamental: análises das práticas dos professores**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de pós-graduação em ciências sociais. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2014. p. 148.

SCHEURMANN, Erich (Org.). **O Papalagui**: comentários de Tuiavii, chefe da tribo de Tivéa nos mares do sul. Recolhidos por Erich Scheurmann. Traduzido por Samuel Penna Aarão Reis. São Paulo: Marco Zero, s/d.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. Psic.: Teor. e Pesq., 2010 26(2), p. 227–234, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/MxhVZGYbrsWtCsN55nSXszh/?lang=pt#>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. Itajaí: Editora UNIVALE, 2001.

VAHL, Mônica Maciel; PERES, Eliane. O programa do livro didático para o ensino fundamental (1971-1976). **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. Cad. Pesqui., 2017 47(164), p. 562–585, abr. 2017.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à Sociologia**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

WEBER, Max. **Conceitos Sociológicos Fundamentais**. In: *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 2012, pp. 3-35.

WEBER, Max. **A Ciência como Vocação**. In: *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2004, pp. 17-52.